

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**Promoção de um projeto de Empreendedorismo no
Ensino Básico**

Mafalda Grave de Almeida

Relatório Final realizado no âmbito da Área científica de
Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino Básico

Orientador Professor Doutor António Luís Montiel

Lisboa

Maio 2014

Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também possas observar melhor qual a disposição natural de cada um. (Platão)

Dedico este Relatório final de curso aos meus pais,
um presente e outro ausente mas sempre comigo,
que são as pessoas mais importantes para mim,
que sempre acreditaram em mim.

Agradecimentos

Começo por agradecer ao professor António Montiel, com quem muito aprendi ao longo de todo este percurso e por toda a paciência e disponibilidade que sempre me manifestou.

Agradeço, também, a toda a minha família o apoio que me deu durante todo o curso e, em especial, à minha mãe, que nunca deixou de me incentivar e de me apoiar nas minhas escolhas e a quem devo o facto de me encontrar hoje aqui. Na realidade, a sua força e dedicação ajudaram-me a persistir no meu sonho, a lutar pelos meus objectivos.

Agradeço ainda a todas as minhas amigas por me darem a sua amizade e conforto. Sei que ao longo deste processo houve, por vezes, momentos difíceis, mas sempre contei com a sua ajuda e compreensão.

Agradeço, finalmente, a todos os que tornaram possível a concretização dos meus ideais e me apoiaram nas minhas decisões.

Resumo

O presente trabalho pretende compreender o sentido de uma educação para o empreendedorismo no Ensino Básico. Em concreto, partindo da implementação de um projeto de Empreendedorismo no Ensino Básico, vivenciado no período de estágio, procurou-se identificar qual era o seu objetivo e qual a perceção que os participantes no projeto tinham sobre ele. Suportada numa referenciação teórica precisa, a pesquisa serviu-se de dois recursos primordiais, a observação direta da implementação de um projeto de empreendedorismo na turma e a realização de entrevistas aos seus principais protagonistas. A análise da informação recolhida oferece uma perceção de como este projeto de empreendedorismo, promovido pela Associação Industrial Portuguesa (AIP), é favorável ou não para os alunos no Ensino Básico e o que é que lhes proporciona que antes não lhes seria proporcionado. O fruto mais relevante do presente estudo é compreender a atual importância que uma educação para o empreendedorismo pode alcançar nos nossos dias, além de que o contato com a experiência implementada numa turma do 3º ano do Colégio Valsassina será sempre interessante para quem tiver interesse em promover no futuro outras iniciativas equivalentes.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Colégio Valsassina; Associação Industrial Portuguesa

Abstract

This study aims to understand the meaning of a entrepreneurship education in formal education. Specially, based on the implementation of a project of Entrepreneurship in Primary, experienced the probationary period, we tried to identify what was his purpose and what the perception that participants in the project had on him. Supported a theoretical referral needs, the research served up two key resources, direct observation of the implementation of a project of entrepreneurship in the classroom and interviews with its main protagonists. The analysis of the information collected provides a perception of how this entrepreneurship project, promoted by the Portuguese Industrial Association (AIP), is favorable or not for students in formal education and what gives them not be given them before. The most important result of this study is to understand the current importance that entrepreneurship education can achieve in our day, and that contact with the experience implemented in a class of 3rd year Valsassina College will always be interesting for those who are interested in encouraging other similar initiatives in the future.

Keywords: Entrepreneurship; Valsassina College; Portuguese industrial Association

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Quadro Teórico	11
1.1. O empreendedorismo, uma competência-chave para o século XXI	11
1.2. O empreendedorismo na educação em Portugal	15
1.3. Conceito de Empreendedorismo	17
1.4. Educação para o Empreendedorismo	20
1.5. Objetivos pedagógicos gerais e específicos que estão associados ao empreendedorismo	22
1.6. Extensão do empreendedorismo nas escolas	26
Capítulo II – Metodologia de Pesquisa	32
2.1. Paradigma de investigação	32
2.1.1. Instrumento de observação direta: os diários de campo	34
2.1.2. Instrumento de observação indireta: as entrevistas semiestruturadas	36
2.2. O processo de análise de dados	44
Capítulo III – Análise Interpretativa dos Dados	45
3.1. As categorias de análise	46
3.2. Análise dos diários	49
3.3. Análise das entrevistas	58
Capítulo IV – Considerações Finais	66
Bibliografia	71
Webgrafia	72

Índice de Anexos

Anexos	1
Entrevista Exploratória à coordenadora do Colégio Valsassina do terceiro e quarto ano – janeiro de 2014	2
Entrevista a Helena Caiado e Margarida Brito Associação Industrial Portuguesa – 13 de fevereiro de 2014	5
Síntese do s.n. (2012). Manual do Professor – Ateliers empreender criança. Lisboa: Associação Industrial Portuguesa – Câmara do Comércio e Indústria	10
Diário – Aulas Empreendedorismo	12
Diário 1	12
Diário 2	13
Diário 3	14
Diário 4	15
Diário 5	16
Diário 6	17
Diário 7	19
Diário 8	21
Diário 9	22
Diário 10	23
Diário 11	24
Diário 12	25
Diário 13	27
Diário 14	28
Entrevista semiestruturada a professores e encarregados de educação do Colégio Valsassina – 26 de março de 2014	29
Professor 1	29
Professor 2	31
Professor 3	33
Encarregado de Educação 1	35

Introdução

Este estudo assinala o encerramento de uma das etapas mais importantes da vida: a conclusão de uma carreira de estudante que se abre para a carreira profissional.

Desde os meus três anos que frequento a escola. Isto é, andei no pré-escolar, o que me permite olhar para o sistema educacional desde o início. Ainda hoje me lembro da minha educadora de infância e tenho vídeos de algumas aulas, por exemplo, de aprendizagem dos opostos ou de fazermos um trabalho sobre o outono. Sempre recordei os momentos que passei no pré-escolar com um sentimento positivo e bom, como vivências que me fizeram crescer.

Recordo igualmente a minha professora de primeiro ciclo e de outros que lhe seguiram, não todos igualmente bons. Aliás, acredito que também existe entre os professores que tive, a explicação para algum descarrilamento do meu percurso escolar no secundário.

Após finalizar o Ensino Básico, frequentei o curso de Ciências e Tecnologias, pois ainda não sabia bem o que queria para o meu futuro. Depois chegou o momento da opção por um curso superior.

Em pequena tinha muitos sonhos do que queria ser quando fosse mais velha. Desde pequena que sempre dancei e gostei de animais; e também gostava de ensinar, de tomar conta de crianças e de brincar com as mais pequenas. Enfim, resolvi então ir tirar o curso de educadora e professora, influenciada também por ter uma mãe professora.

No final da Licenciatura em Educação Básica optei por o Mestrado que integrava as duas vertentes de educação pré-escolar e professora de 1º ciclo, porque sempre considerei que ambas oferecem perspetivas que se enriquecem mutuamente: uma educadora é professora e uma professora é educadora.

A opção pela Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, proporcionou-me a oportunidade de realizar estágios em todos os anos letivos, tornando mais fácil a antecipação da minha vida profissional futura e o reforço da minha motivação inicial.

Ao longo destes quatro anos, estagiei sempre em sítios diferentes e com turmas de diferentes idades, heterogéneas e homogéneas, escolas privadas, IPSS ou em Casas da Misericórdia, observando assim formas muito diversas das crianças trabalharem e cooperarem entre si:

- No ano letivo 2009/2010 iniciei o meu percurso de futura educadora/professora, como estagiária na Associação Infante Sagres, com crianças de 3 anos;
- No ano letivo 2010/2011 estagiei na Casa da Misericórdia de Lisboa – Rainha D. Leonor, com crianças dos 3, 4 e 5 anos;
- No ano letivo 2011/2012 realizei o estágio no Colégio São Tomás de Sete Rios, com crianças de 9 e 10 anos. Neste ano, também tive a oportunidade de participar no programa Erasmus e ter, na Suécia, uma experiência muito gratificante de outras realidades de ensino.
- Por último, no ano letivo 2012/2013, estagiei na Casa dos Pastorinhos de Fátima, com crianças de 3, 4 e 5 anos.

O meu primeiro estágio causou-me um impacto de que eu não estava à espera, pois tive uma experiência que nunca tinha tido antes: estar à frente de uma sala cheia de crianças e ter de pensar em atividades para fazer com elas. Esta realidade foi muito importante para mim, pois foi aqui que soube que era esta a profissão que queria seguir. Já tinha estado com crianças, e a fazer atividades com elas, mas não à frente de uma turma

como professora ou educadora. É uma sensação completamente diferente e sei, com a ajuda das experiências dos estágios, que é esta a carreira profissional que quero seguir.

No ano letivo de 2013/2014, o atual, estou a estagiar no Colégio Valsassina. O presente trabalho será precisamente um Relatório deste Estágio e, portanto, julgo ser conveniente trazer aqui uma breve apresentação do centro de ensino.

O Colégio Valsassina tem valências desde o pré-escolar até ao 12º ano. Cada ano tem três turmas e cada turma tem, por média, entre 25 a 30 alunos. Nem sempre foi um colégio misto. Inicialmente era só para rapazes, mas quando nasceu a primeira filha, menina, da família Valsassina, começou a ser frequentada pelos dois sexos. É um colégio particular com fins lucrativos e tem autonomia pedagógica¹.

O Colégio Valsassina partilha de um conceito de educação que valoriza especialmente a aprendizagem pela experiência e pela vivência de situações educativas. Isto faz com que os alunos consigam conhecer-se a si próprios e tenham um crescimento harmonioso, permitindo-lhes compreender os valores e os princípios que devem defender².

A valência do primeiro ciclo em que estagiei é coordenada por duas professoras. Uma é responsável pelo primeiro e segundo ano e a outra pelo terceiro e quarto ano.

Como já foi dito, cada ano de escolaridade tem três turmas. As turmas contam com um professor titular e com outros professores especialistas nas áreas de Inglês, Expressão Plástica, Expressão Musical, Educação Física, Religião e Moral e Filosofia para Crianças. Observa-se um trabalho cooperativo entre os professores de cada ano.

¹ Disponível em http://new2.cvalsassina.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=74&Itemid=119 no dia 19 de janeiro de 2014.

² Disponível em http://new2.cvalsassina.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=14&Itemid=30 no dia 20 de janeiro de 2014.

A turma em que estou a estagiar é do terceiro ano (3º C). É composta por vinte e sete alunos, sendo dezasseis rapazes e onze raparigas, esforçados no trabalho e amigos entre si. Mas há naturalmente também algumas crianças com mais dificuldades de aprendizagem.

O ambiente educativo da sala é de conforto e de muita aprendizagem, visto que é um grupo trabalhador. Verifiquei ainda que, a área curricular de que o grupo mais gosta é de matemática e de pintura. Penso que, o gosto pela matemática surgirá do facto de ser uma área curricular mais desafiante do que outras e porque conseguem encontrar vários caminhos para chegar à solução. Gostam da pintura, pois é uma área curricular em que os alunos se podem exprimir livremente com o recurso de outros materiais a que normalmente estão habituados.

Nesta turma existem também alunos que pensam que sabem muito, que têm de ser melhores que os outros, e isso às vezes faz com que se tornem muito competitivos entre eles. É certamente difícil por vezes controlar essa competitividade, mas também é justo reconhecer que a competitividade pode ser também saudável.

Ao longo do estágio, fui verificando as aulas que os alunos iam tendo, sempre atenta aos seus comportamentos em cada uma, e conseguindo também observar outros métodos de aprendizagem. Mas houve umas aulas em particular que chamaram muito a minha atenção: as de Empreendedorismo. Foram uma novidade para mim, pois em nenhum dos outros locais de estágio eu tinha tido esta experiência, assim como não tinha conhecimento da sua existência, especialmente no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Pela sua raridade, por ser uma aula de trabalho de grupo (o que não costumava acontecer nas outras aulas com a professora titular) e pela motivação que despertava nos alunos, julguei encontrar aqui um assunto relevante para observar neste Relatório.

Estas aulas observadas de Empreendedorismo, foram dirigidas pela professora titular da sala, e outras por mim e pela coordenadora do terceiro e quarto ano. Havia dois tipos diferentes de sessões, como podemos verificar nos diários que se encontram em Anexo:

- As sessões que foram dirigidas pela professora titular, foram dadas na sala de aula, com o visionamento de filmes e a realização de um trabalho de grupo.
- As sessões dirigidas pela coordenadora e por mim, consistiam na realização de um jogo de tabuleiro em que os alunos trabalhavam autonomamente. Trata-se de um jogo, que tem como objetivo os jogadores reunirem todas as cartas de um mesmo negócio, para que depois possam caminhar para a casa final. Durante o jogo, os alunos terão de utilizar algumas estratégias. As cartas têm pontos e os jogadores podem trocá-las entre si.

Com efeito, quis saber mais sobre este projeto de educação para o empreendedorismo, o que é, como é que as crianças trabalham, quais são os seus objetivos, o que é que este projeto proporciona de novo aos alunos que antes não lhes seria proporcionado, o porquê do Colégio Valsassina ter querido inserir este projeto na vida das crianças,...

Posto isto, em resumidas palavras, com esta investigação pretendo *compreender o sentido de um projeto sobre o Empreendedorismo no Ensino Básico*. Para conseguir melhor enquadrar esta problemática, vou partir de duas questões:

1. Qual a justificação teórica para a promoção de um projeto de empreendedorismo no Ensino Básico? E, também, qual foi a sua génese?
2. Qual é a perceção que os participantes neste projeto têm da sua aplicação no Colégio Valsassina?

Uma rápida consulta de alguma bibliografia geral, permite-nos olhar para o Empreendedorismo como um fator que promove o crescimento de um país, como uma característica que interessa fomentar nas pessoas, muito unida à autonomia e criatividade que lhes são requeridas para a progressão na profissão. Assim, a inclusão de um projeto sobre Empreendedorismo na escola poderá ser entendido como uma forma, não apenas de dar a conhecer o conceito de empreendedor, mas, também, como estratégia para fazer que as pessoas sejam mais autónomas e criativas, nomeadamente pelo reconhecimento das etapas que têm de percorrer até conseguirem criar uma empresa.

Sendo a Educação um ponto de partida na aprendizagem dos indivíduos, a Associação Industrial Portuguesa – Câmara de Comércio e Indústria (AIP), empresa responsável pelo projeto em curso no Colégio Valsassina, realizou diversas experiências com empresários e jovens que estavam à procura de emprego. Mas, considerou que era também importante, começar a introduzir este conceito de se ser empreendedor desde muito mais cedo, pois desde cedo pode-se começar a introduzir este tipo de projectos, não aprofundando muito, mas dando algumas ideias aos alunos do tipo de trabalho que se faz. Essa foi a justificação para o projeto que testemunhei durante o estágio.

Mas, ao certo, qual é a justificação para se implementar um projeto de empreendedorismo no Ensino Básico? E como é percebida a sua implementação por quantos participam na sua aplicação no Colégio Valsassina? Estas nossas perguntas só

podem ser respondidas mediante um sistemático processo de pesquisa e análise, como faremos no Relatório que estamos agora a introduzir.

A organização deste Relatório Final obedecerá a uma estrutura de três capítulos centrais.

O Primeiro Capítulo é referente ao quadro teórico em que se apoia o estudo. Será enquadrada toda a investigação teórica, baseando-me em autores de referência sobre este conceito de “Empreendedorismo”:

- Numa primeira parte irei dar a conhecer este conceito como uma competência-chave no século XXI e explorarei qual o seu significado. Nomeadamente, poderemos olhar para o empreendedorismo em relação com os quatro pilares da educação que os estudos liderados por Jacques Delors propuseram como necessários numa educação e formação para o século XXI.
- Ao longo deste capítulo, irei também fazer sempre a ponte com a educação, sabendo que este conceito faz parte das oito competências-chave associadas ao conceito de uma aprendizagem ao longo da vida.
- Além disso, será importante comprovar como a promoção do empreendedorismo se mostrou adequada com os objetivos e as normas orientadoras estabelecidas para o ensino básico.
- Outro ponto importante, ainda neste capítulo, será tomar conhecimento de outros projetos semelhantes de empreendedorismo na escola (tanto em Portugal como pelo Mundo), além deste projeto concreto do Colégio Valsassina e promovido pela empresa da Associação Industrial Portuguesa;
- É com este primeiro capítulo que, em suma, se pretende vir a responder à primeira questão da problemática, vendo o porquê de se promover este

conceito de empreendedorismo no Ensino Básico e também qual a origem do conceito e o seu real significado hoje em dia.

- E, como fruto do referencial teórico deste primeiro capítulo, serão identificadas as atitudes, competências e saberes de uma educação para o empreendedorismo, que servirá de ponto de referência na análise de dados de que se falará proximamente.

Num Segundo Capítulo irá ser referida a metodologia de pesquisa que foi utilizada de modo a descrever a percepção que os participantes têm sobre o projeto de empreendedorismo do Colégio Valsassina. Num diálogo entre as necessidades da investigação e as recomendações de autores de referência da investigação, serão fundamentados os vários passos da caminhada, desde a recolha de dados, à sua análise e à inferência das conclusões.

- Será apresentada a justificação para se optar por um paradigma de investigação qualitativa;
- Irão ser apresentados e justificados os diversos instrumentos de recolha de dados utilizados (nomeadamente, os diários que registaram a observação direta e as entrevistas aos diversos intervenientes no projeto em estudo) e as correspondentes estratégias de análise.

O Terceiro Capítulo procederá à análise e interpretação dos dados recolhidos, em função da problemática e das questões encontradas. Será este o capítulo em que, mercê das categorias que sejam alcançadas, poderemos chegar a obter uma compreensão nítida do nosso objeto de estudo. Essa compreensão será aquela que, em síntese, encerrará o presente Relatório num último capítulo de conclusões.

Nos Anexos do presente Relatório Final, encontram-se alguns dos primeiros elementos que foram recolhidos para a sua elaboração:

- As entrevistas exploratórias que foram feitas à coordenadora de terceiro e quarto ano do Colégio Valsassina e às responsáveis pelo projeto de empreendedorismo da empresa Associação Industrial Portuguesa, que nos ajudaram para uma aproximação à resposta da primeira questão e, sobretudo serviram para tomar conhecimento de vias de aprofundamento, do que se pretendesse com um projeto de empreendedorismo na escola como o que era implementado no Colégio;
- Os diários de campo de 14 sessões de empreendedorismo (visto que existem sessões no mesmo dia), que descrevem o que foi feito em cada sessão, quais os comportamentos dos alunos, o que aprenderam,... Estes diários vão-nos ajudar também, para responder à segunda questão da problemática, relacionando-os com as atitudes, competências e saberes que irá ser referido ao longo do Relatório;
- Uma síntese do Manual do Professor, que ajuda o próprio responsável pela orientação das sessões com os alunos a saber como as organizar e ter conhecimento de algumas estratégias que possam ser trabalhadas. Neste manual também estão enunciados os objetivos gerais e específicos do projeto;
- As entrevistas aos professores do 3º ano do Colégio Valsassina e aos encarregados de educação dos alunos da turma em questão, que nos ajudaram a responder à segunda questão, auscultando a perspetiva dos entrevistados sobre este projeto e quais os benefícios que ele dá e também os seus constrangimentos e melhorias.

Em suma, penso que este trabalho será proveitoso, pois vai dar a conhecer melhor este projeto, tanto a mim como aos outros, dando a oportunidade de ver mais de perto o que pode ser feito com ele e como os alunos reagem.

É um projeto que abre as portas para o futuro dos alunos, pois é um meio que hoje em dia começa a ser muito falado e de muito interesse para as diversas pessoas em todo o mundo. Nos dias de hoje, criar um negócio é por vezes a única escapatória para fugir às dificuldades que o elevado nível de desemprego gera na sociedade atual.

Capítulo I – Quadro Teórico

1.1. O empreendedorismo, uma competência-chave para o século XXI

A projeção de uma educação para o século XXI foi o propósito que suscitou na União Europeia a criação de uma Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Esta comissão foi presidida por Jacques Delors e contou com a participação do Ministro da Educação de Portugal, o Engenheiro Roberto Carneiro.

Como resultado dos seus trabalhos, a Comissão elaborou um livro em 1996, intitulado “Educação: Um Tesouro a Descobrir”, que, considerando os avanços da civilização no século XX, perspetivou o seu desenvolvimento e aprofundamento no século XXI.

Na mesma linha de pensamento podemos encontrar o livro de Roberto Carneiro (2001), “Fundamentos da Educação e da Aprendizagem: 21 ensaios para o século 21”, que nos dá a conhecer um pouco mais a educação para o novo século, dizendo-nos até onde podemos e devemos ir. O desafio da educação no novo milénio é descrito na própria contracapa do livro como necessidade de “resgatar de um simples funcionalismo económico e reinventar uma nova Paideia, reconstruindo a um tempo a educação e a cultura nos estaleiros que erguemos em ordem ao desenvolvimento pessoal e social”.

A leitura dos diversos capítulos deste livro de Roberto Carneiro é efetivamente elucidativa e recomendável para uma compreensão da missão educativa dos nossos dias: enquadra o desafio da interculturalidade, analisa a evolução do sistema educativo e o papel dos professores, considera a integração no todo de uma cultura europeia, provoca a reflexão sobre uma nova cidadania, e, também, suscita a preocupação por uma humanização da economia e do sistema laboral.

Um conceito muito importante que é discutido tanto no livro “Educação: Um Tesouro a Descobrir” (1996) como no trabalho de Carneiro (2001) é o de uma educação ao longo da vida. Dando sequência ao “Livro Branco” publicado pela Comissão Europeia (1995), a educação ao longo da vida surge como uma “ideia-força”, comum à educação e à formação profissional. Trata-se do reconhecimento da constante evolução do conhecimento, fruto das rápidas e múltiplas interações que a sociedade tecnológica possibilita. Com efeito, a rápida fluência de informação produz conhecimentos que exigem do cidadão uma constante atualização.

O conceito de “aprendizagem ao longo da vida” vem sublinhar precisamente que a educação não é para ser feita só quando somos crianças, jovens, mas é para ser prolongada ao longo de toda a vida do ser humano. Assim, pode-se afirmar que uma educação ao longo da vida

deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenómeno da globalização, para modificar a relação que homens e mulheres mantêm com o espaço e o tempo. (Jacques Delors, 1996, referido em Carneiro, 2001, p.269)

Fruto desse esforço reflexivo sobre a educação ao longo da vida, a Comissão liderada por Jacques Delors (1996) avançou com a proposta de quatro pilares que estariam chamados a sustentar o processo de constante aprendizagem das pessoas. Os quatro pilares são os seguintes:

- Aprender a Ser – “(...) desenvolver (...) a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal”;
- Aprender a Conhecer – “(...), aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida”;
- Aprender a Fazer – “(...) a fim de adquirir não só uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais abrangente,, a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe”;
- Aprender a Viver Juntos – “(...) desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projectos comuns e

preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz”. (Delors, 2010, p.31)

Segundo Carneiro (2001), estes quatro pilares “são conceptualizados como uma rede de direitos e de responsabilidades implícitos em todo o esforço educativo, visando a preparação para uma vida de liberdade e de interdependências” (p.49).

O esforço por aplicar essas diretivas na sociedade portuguesa foi em parte confiado à Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), que é a “entidade do Ministério da Educação responsável pela criação dos instrumentos normativos, pedagógicos e didáticos necessários para que as escolas e professores desempenhem eficazmente a sua função”³.

A DGIDC dedicou-se a aprofundar as exigências de uma aprendizagem ao longo da vida e, para o efeito que nos interessa no presente trabalho, importa referir as oito competências-chave para a aprendizagem ao longo da vida enunciadas por essa DGIDC (2008/2009):

1. Comunicar na língua materna
2. Comunicar numa língua estrangeira
3. Literacia matemática e competências básicas em ciência e tecnologia
4. Competência digital
5. Aprender a aprender
6. Competências cívicas e interpessoais
7. Empreendedorismo
8. Expressão cultural.

Uma leitura atenta dessas competências-chave para o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos permite-nos encontrar, em sétimo lugar, aquele que é o tema central do presente trabalho: o empreendedorismo.

³ Disponível em <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=directorio&cat=18&iddir=44> no dia 1 de fevereiro de 2014.

A nossa pesquisa sobre os contributos da DGIDC para o empreendedorismo levou-nos a conhecer um Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo, criado com o propósito de as escolas virem a desenvolver iniciativas orientadas para esta competência-chave⁴.

A consulta da documentação disponível do Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo sugere que se considerem seis competências-chave de suporte do empreendedorismo:

- Autoconfiança / Assumpção de riscos
- Iniciativa / Energia
- Planeamento / Organização
- Resistência ao fracasso / Resiliência
- Criatividade / Inovação
- Relações interpessoais / Comunicação

(DGIDC, 2008/2009)

Valorizando estes contributos concetuais do Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo, este Relatório tentará olhar para os projetos de desenvolvimento do empreendedorismo nas escolas, em geral e, em particular, para os *Ateliers Empreender crianças* que a empresa Associação Industrial Portuguesa – Câmara de Comércio e Indústria (AIP) promove e está presente na realidade que foi objeto de estudo neste trabalho.

⁴ Disponível em <http://www.dgfdc.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=151> no dia 8 de fevereiro de 2014.

1.2. O empreendedorismo na educação em Portugal

Para compreender o modo como é perspectivada a promoção do empreendedorismo na escola, foi muito útil percorrer os diversos documentos produzidos e editados pelo Ministério da Educação, mais propriamente pela Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Com efeito, na própria página web do Ministério da Educação⁵, encontrou-se, em concreto, além do Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo já citado, estes outros documentos:

- “Guião de Educação para o Empreendedorismo” (2006). Neste documento podemos encontrar as linhas orientadoras para o ensino e integração do empreendedorismo nas escolas e, também, um leque de sugestões de atividades que foram adaptadas ao contexto escolar;
- “Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem” (2006). Neste documento podemos encontrar o porquê de o empreendedorismo ser uma competência essencial para o crescimento e como ele é aplicado nos vários anos escolares, desde o ensino básico até ao ensino superior;
- “Promoção do Empreendedorismo na Escola” (2007). Neste documento podem-se encontrar as linhas gerais de orientação deste projeto, o que é o empreendedorismo e as suas competências-chave, especificando cada uma delas, e o empreendedorismo nas escolas;

⁵ Disponível em <http://www.dgidc.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=151> no dia 8 de fevereiro de 2014.

- “Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo” realizado pela DGIDC (2008/2009). Neste documento podemos encontrar as oito competências-chave de uma aprendizagem ao longo da vida e, mais especificamente, as seis competências-chave do empreendedorismo que é objeto de estudo neste Relatório. Também nos diz quais as finalidades deste projeto e quais são os seus destinatários e apoios.

1.3. Conceito de Empreendedorismo

Para enquadrar o nosso trabalho foi necessário enfrentar o desafio de encontrar uma definição do conceito de empreendedorismo. No entanto, o desafio de encontrar definições precisas em fontes cientificamente aceites, não foi fácil.

Entre os diversos artigos, revistas online e sites consultados, destacou-se uma página na internet produzida pelo canal noticioso televisivo português de âmbito nacional da Sic Notícias: “The Next Big Idea”⁶. Sintetizam-se a seguir as ideias mais relevantes aqui encontradas:

- Segundo o “The Next Big Idea”, o conceito de “Empreendedorismo” surgiu em França por volta dos séculos XVII e XVIII como “entrepeneur” e foi tendo diversos desenvolvimentos ao longo dos anos. No século XX, começou-se a falar novamente deste conceito por vários autores, como Joseph Schumpeter, Kenneth E. Knight, Peter Drucker, Gifford Pinchot, Robert D. Hisrich e Soumodip Sarkar. Em todos estes autores encontramos contributos para construir o conceito de “Empreendedorismo”;
- Em 1945, Joseph Schumpeter definiu o empreendedor como sendo uma pessoa “versátil, que possui as habilidades técnicas para saber produzir e as capacidades capitalistas para reunir recursos financeiros, alguém que organiza as operações internas e que realiza as vendas de sua empresa”;
- Em 1967 e em 1970, os autores Kenneth E. Knight e Peter Drucker, respetivamente, associaram o conceito de empreendedorismo ao “risco”, querendo

⁶ Disponível em <http://www.thenextbigidea.pt/blog/?p=11> no dia 10 de fevereiro de 2014.

significar dessa forma que uma pessoa necessita de arriscar para se ser empreendedor;

- Em 1985, o autor Gifford Pinchot introduziu o conceito de “intra-empendedor”. Trata-se de um desenvolvimento do conceito de empreendedorismo que permite reconhecer como tal à pessoa que se assume como empreendedora no seio da própria organização onde se encontra empregada a trabalhar.

Outra fonte encontrada na busca de uma definição de empreendedorismo, foi uma revista online, a “IPOG Especialize On line”. Esta revista tem artigos de alunos e professores do Instituto de Pós-Graduação (IPOG) e de toda a comunidade científica do Brasil. A “IPOG Especialize”, que existe desde 2009 e criada pela IPOG, tem como objetivo “incentivar seus discentes e docentes a realizarem mais pesquisas e as publicarem em uma ferramenta com credibilidade e credenciada pelo Ministério da Educação (MEC)”⁷. Em Maio de 2012 publicou um artigo (Oliveira, 2012) sobre o Empreendedorismo. O artigo refere que:

- O conceito “Empreendedorismo” procede da palavra francesa “entrepeneur”, que significa fazer algo ou empreender.
- Joseph Schumpeter, em 1945, definiu o empreendedorismo como uma pessoa “com criatividade e capaz de fazer sucesso com inovações”;
- Em 1967 e em 1970, K. Knight e Peter Drucker, respetivamente, introduziram o conceito de “risco” e disseram ainda que “uma pessoa empreendedora precisa arriscar em algum negócio”.

⁷ Disponível em <http://ipog.edu.br/nao-aluno/revista-ipog/o-que-e-a-revista-especialize-> no dia 9 de fevereiro de 2014.

Finalmente, o esforço por definir o conceito de empreendedorismo encontrou a sua terceira fonte de pesquisa no próprio *Manual do Professor – Ateliers empreender criança* editado pela empresa Associação Industrial Portuguesa – Câmara de Comércio e Indústria. O Manual propõe-nos uma definição precisa de empreendedorismo da autoria de Sumodip Sarkar: Empreendedorismo é “o processo de criação e/ ou expansão de negócios que são inovadores ou que nascem a partir de oportunidades identificadas” (Sarkar, 2009, referido em s.n., 2012, p.19).

Valorizando os contributos acima enunciados, especialmente a definição última de Sarkar, economista prestigiado pela World Economic Forum (WEF Innovation 100), podemos concluir que o “Empreendedorismo” se caracteriza como a qualidade de quem cumulativamente é capaz de:

- Ser criativo e inovador;
- Ser capaz de identificar uma oportunidade de negócio;
- Ser capaz de reunir recursos financeiros.

1.4. Educação para o Empreendedorismo

A preocupação com a necessidade de que os mais jovens ganhem espaços de sucesso na sociedade, justifica a importância que é conferida ao empreendedorismo nos dias de hoje. E porque o ambiente educativo é o mais adequado para o desenvolvimento das competências pessoais e sociais, julga-se também que seja propício para a promoção do empreendedorismo, de modo que as crianças evoluam conforme a sociedade hodierna lhes exige.

Essa preocupação está na base do, já referido, Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo (PNEE) apresentado, em 2008/2009, pela Direção-Geral da Educação (DGIDC). Trata-se de:

(...) um convite para que as escolas desenvolvam um conjunto de iniciativas conducentes à criação, na sua comunidade educativa, de competências e atitudes que permitam empreender, isto é, encarar a realidade envolvente como um conjunto de oportunidades de mudança e ter o desejo e a energia para produzir. (DGIDC, 2008/2009)

Reportando-nos à DGIDC, diremos que a Educação para o Empreendedorismo pode ser entendida como a intenção de proporcionar ambientes que permitam aos alunos:

- Exercitar a capacidade de imaginar as mudanças e de criar projectos em concordância com esses propósitos.
- Pôr em prática as suas propostas/projectos.

(DGIDC, 2008/2009)

O objetivo deste projeto é ajudar os alunos para que façam um trabalho contínuo e desenvolvam as seis competências-chave (que foram citadas anteriormente), para, assim, se apropriarem de um espírito empreendedor e as escolas lhes conseguirem incutir esse mesmo espírito.

Em síntese, as finalidades deste projeto são:

- Que todos se apropriem do espírito e cultura empreendedora;
- E que, através da promoção da educação para o empreendedorismo, desde os primeiros anos de escolaridade obrigatória, as aprendizagens sejam feitas de forma mais motivadora e gratificante.

(DGIDC, 2008/2009)

Esse mesmo intuito pode ser reconhecido no projeto da Associação Industrial Portuguesa (AIP) de empreendedorismo na escola, de que falaremos mais adiante por ser a entidade promotora do projeto concreto que foi objeto do nosso estudo.

Com efeito, a Associação Industrial Portuguesa considerou que era importante introduzir desde cedo o Empreendedorismo na escola, não só por uma questão das crianças virem a ter noção da situação financeira e saberem gerir o dinheiro, mas também para os ajudar a serem autónomos e criativos, para que no futuro as crianças, quando pensarem na profissão que querem seguir, sejam mais criativas e inovadoras nas suas respostas.

1.5. Objetivos pedagógicos gerais e específicos que estão associados ao empreendedorismo

O Manual do Professor, editado pela Associação Industrial Portuguesa, propõe os seguintes objetivos gerais do seu projeto de empreendedorismo na escola:

- Desenvolver um conjunto de ações através de aprendizagens ativas e criativas que contribuam decisivamente para a consolidação de uma cultura de empreendedorismo e que se traduza pela criação de uma atitude diferente das crianças face a alguns desafios, nomeadamente nos campos da autonomia, iniciativa, risco, inovação, criatividade, trabalho em equipa, responsabilidade e sentido cívico;
- Sensibilizar e envolver as crianças para a atividade e comunidade empresarial num processo de mútua aproximação;
- Estabelecer vínculos entre a escola, as empresas e a comunidade, como elemento-chave para o êxito da promoção e desenvolvimento do empreendedorismo;
- Introduzir vocabulário empresarial;
- Fomentar a aprendizagem pela prática e experiências concretas, ajudando a relacionar as aprendizagens escolares como que se passa à nossa volta: família, comunidade, empresas, cidade, envolvendo-as no decurso do programa e na apresentação final do projeto;
- Associar o empreendedorismo e dinâmica empresarial a valores positivos e a um futuro profissional atrativo.

(s.n., 2012)

No entanto, para sabermos quais são os seus objetivos pedagógicos, devemos atender também aos seguintes objetivos específicos que são enunciados no mesmo Manual (s.n., 2012):

- Compreender e introduzir os conceitos “empreender”, “empreendedor”, “empreendedorismo”, “marketing”, “custo”, “resultado”, etc;
- Conhecer quais os fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio;
- Reconhecer o potencial empreendedor dentro de cada um;
- Desenvolver uma ideia de negócio (produto ou serviço) que demonstre os conhecimentos adquiridos e que será posteriormente levada a apresentação pública.

Mas, certamente, para compreender e valorizar esses objetivos, devemos projetá-los na sua relação com as seis competências-chave do empreendedorismo antes enunciados.

Finalmente, para justificar a integração do projeto na escola, convém que aqueles objetivos e estas competências-chave estejam enquadrados nos objetivos que constam no Currículo Nacional do Ensino Básico que possam ser associados ao Empreendedorismo, em concreto, estes três:

- Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;
- Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;
- Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns. (p.15)

Servindo-nos destas três fontes de informação (do Manual do Professor da Associação Industrial Portuguesa, das competências-chave do Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo e das Orientações do Currículo Nacional para o Ensino Básico), podemos elaborar o seguinte quadro que mostra as atitudes, competências e saberes que podem ser desenvolvidas com uma educação para o empreendedorismo.

	Atitudes	Competências	Saberes
Orientações Curriculares	Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa	Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões	
		Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns	
Competências-chave	Autoconfiança/ Assumpção de riscos	Planeamento/ Organização	
	Iniciativa/ Energia	Relações interpessoais/ Comunicação	
	Resistência ao fracasso/ Resiliência		
	Criatividade/ Inovação		
Manual do professor	Reconhecer o potencial empreendedor dentro de cada um	Desenvolver uma ideia de negócio (produto ou serviço) que demonstre os conhecimentos adquiridos e que será posteriormente levada a apresentação pública	Compreender e introduzir os conceitos “empreender”, “empreendedor”, “empreendedorismo”, “marketing”, “custo”, “resultado”, etc
			Conhecer quais os fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio

Em síntese, a informação recolhida no quadro anterior permite concluir que a promoção da educação para o empreendedorismo tem os seguintes objetivos:

a) Promover Atitudes de:

- Espírito de criatividade e iniciativa
- Resiliência da autoconfiança e de resistente à mudança
- Maturidade de pessoas autónomas e responsáveis

b) Desenvolver competências de:

- Ser capaz de decidir e planear estratégias para a resolução de problemas
- Ser capaz de criar e integrar equipa de trabalho cooperativo
- Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio

c) Adquirir saberes (conhecimentos) de:

- Conceitos de “empreendedorismo”, “marketing”, “custo”, etc
- Fatores e fases de uma implementação de ideia de negócio.

A importância de termos alcançado esta síntese de atitudes, competências e saberes será mais valorizada no próximo capítulo metodológico, pois serão os parâmetros que guiarão a análise de dados recolhidos na observação realizada no estágio.

1.6. Extensão do empreendedorismo nas escolas

Para ganharmos consciência da atual extensão em Portugal dos projetos de educação para o empreendedorismo, foi realizada uma pesquisa que nos permite conhecer as seguintes iniciativas já em curso no terreno:

- A Associação Junior Achievement Portugal, fundada em Setembro de 2005, está presente em 121 países, e está “empenhada em levar às escolas programas que desenvolvem nas crianças e jovens o gosto pelo empreendedorismo”⁸. Esta associação é a maior e mais antiga organização mundial educativa que tenha trabalhado este tema do empreendedorismo.

Os conteúdos programáticos desta Associação abrangem sete áreas: cidadania, desenvolvimento de carreiras, economia, empreendedorismo, ética, literacia financeira e negócios. O programa da Junior Achievement é responsável pelo estabelecimento da ponte entre a educação e o mundo laboral. A missão deste projeto é “inspirar e preparar os jovens para terem sucesso numa economia social”⁹. Escolas básicas que trabalharam e implementaram o projeto do Junior Achievement em Portugal¹⁰:

1. Escola Básica do Parque das Nações em Lisboa
2. Escola Básica n.º2 de Tires em Cascais

⁸ Disponível em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:209688128262108:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:6799,7 no dia 15 de fevereiro de 2014.

⁹ Disponível em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:3350002671397590:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:6802,7 no dia 15 de fevereiro de 2014.

¹⁰ Disponível em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:3350002671397590:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:9727,7 no dia 15 de fevereiro de 2014.

3. Escola Básica Pêro do Alenquer em Alenquer
4. Escola Básica de São Pedro em Sintra, entre muitos outros.

Parceiros de projeto¹¹:

1. AESE – Escola de Direção e Negócios
2. AMGEN
3. AUDAX
4. A comunidade internacional baixo Mondego
5. A vila de Alvito
6. CEIM – BIC Madeira
7. Bolsa de Valores Sociais (BVS)
8. Concelho de Baião
9. Câmara municipal de Lisboa
10. Município de Lousada
11. Câmara municipal do Porto
12. Câmara municipal de S. João do Porto
13. Município de Viana do Castelo
14. Consultores Cunha Vaz e Associados
15. Município de Vila de Vidigueira
16. Instituto Português do Desporto e Juventude
17. Presidência da República Portuguesa
18. Fundação Millenium e à Universidade Católica Portuguesa.

¹¹ Disponível em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:3350002671397590:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTI_ON_ID:12130,7 no dia 15 de fevereiro de 2014.

- A Associação Coração Delta, que é uma associação de solidariedade social do Grupo Nabeiro, criou várias valências e serviços para ajudar a desenvolver as comunidades. Um dos serviços que esta associação criou, foi o Centro Educativo Alice Nabeiro, que tem como finalidade “promover a educação integral das crianças com alegria, com espírito criador e de descoberta e com sentido de futuro com vista a proporcionar uma vida comunitária”¹². Ou seja, promove a criatividade e o espírito empreendedor e de risco desde o início da nossa vida, desde a infância. Esta associação encontra-se na região do Alentejo, mais propriamente em Campo Maior, e abrange, pelo menos, as valências de jardim-de-infância e 1º e 2º ciclo. Um dos centros de atividade é o Centro Educativo Alice Nabeiro que trabalha com os alunos de uma forma muito distinta e abrange vários temas, mais propriamente direcionadas com o ambiente, o que faz com que as pessoas sejam criativos da forma como cuidam do ambiente e como fazem passar para os outros uma melhor forma de o protegerem.

A Coração Delta, juntamente com o Grupo Nabeiro, elaborou também, um manual em 2008, com a preocupação de que “as crianças desenvolvam e melhorem competências, capacidades e espírito empreendedor”¹³. Em 2009 iniciou-se a implementação deste projeto, depois da sua aprovação pelo Ministério da Educação, sendo dinamizado nas escolas que estiveram interessadas tanto em Portugal como na Estremadura espanhola.

¹² Disponível em <http://www.abae.pt/EcoEscolas/index.php?p=schoolpage&id=1551> no dia 15 de fevereiro de 2014.

¹³ Disponível em www.delta-cafes.pt/pt/sustentabilidade/responsabilidade-social/projectos-de-responsabilidade-social no dia 15 de fevereiro de 2014.

Escolas básicas que implementaram este projeto¹⁴:

1. Escola Básica Fernando Caldeira em Aveiro
2. EBI/JI de Alvito
3. Escola Básica de Cabeceiras de Basto em Braga
4. Escola Básica e Secundária de Macedo de Cavaleiros em Bragança, entre outros.

Parceiros do projeto¹⁵:

1. European Recycling Platform
 2. Fundação EDP
 3. ECOLUB
 4. VALORCAR
 5. Valorfito
 6. Doartinteiros
 7. AMG Recolha de Tinteiros e Toners
 8. Vela por Óleo.
- Por fim, a Associação Industrial Portuguesa – Câmara de Comércio e Indústria (AIP), que desde sempre tem esse espírito de empreendedor, só no ano letivo de 2012/2013 é que iniciou a sua implementação do projeto *Ateliers Empreender criança* nas escolas para 1º Ciclo. Esta é a empresa que vai estar presente neste relatório, pois é a empresa que está presente no Colégio Valsassina.
Para esta associação, a promoção do Empreendedorismo nas escolas teve a sua principal causa na sua verificação de que alguns alunos não sabiam o que era

¹⁴ Disponível em <http://www.abae.pt/EcoEscolas/index.php?p=schools&s=2013-14> no dia 15 de fevereiro de 2014.

¹⁵ Disponível em <http://www.abae.pt/EcoEscolas/index.php?p=partners> no dia 15 de fevereiro de 2014.

necessário para se criar o negócio. Assim, a AIP decidiu-se a conceber este projeto, e logo desde o 1º Ciclo, pois é desde cedo que as crianças adquirem certas competências e a escola é o melhor ambiente para tal. Esta verificação foi feita através de uma entrevista que foi feita a duas representantes do projeto.

Mas antes do projeto ser implementado no 1º Ciclo, esteve implementado durante algum tempo no Ensino Secundário, que foi onde a empresa verificou mais a sua necessidade. Só depois de este projeto estar a funcionar bem no Ensino Secundário, se verificou que era importante os alunos estarem cientes deste tipo de situações desde cedo. Assim, iniciou-se a implementação do projeto no 1º Ciclo.

Esta empresa, através do projeto *Ateliers Empreender criança*, faz com que as crianças, através de sessões nas escolas dadas pelos próprios professores, guiados pelo Manual do Professor (s.n., 2012) e por uma pequena formação, tenham uma experiência e conhecimento do que é preciso para se criar um negócio. Ao longo das sessões vão tendo conhecimento de vários conceitos, como o “empreendedorismo”, “marketing”, “custo”, etc, e no final do ano letivo apresentam o projeto todo à escola.

A Associação Industrial Portuguesa, com este projeto, pretende

criar ambientes em que os alunos possam exercitar a sua capacidade de imaginar as mudanças, por forma a desenvolver desde muito cedo a sua capacidade de iniciativa, criatividade, autoconfiança, liderança, trabalho de equipa, responsabilidade e sentido cívico em tudo o que irão empreender, seja na vida académica e profissional como nos aspetos pessoais e sociais da vida quotidiana. (s.n., 2012, p.5)

Em relação às escolas que implementaram este projeto, como ainda é muito recente, há conhecimento de que existe em algumas escolas em Lisboa e Torres Vedras e estende-se por Portugal inteiro.

Parceiros associados a este projeto:

1. União Europeia – Fundo Social Europeu
2. Governo da República Portuguesa
3. Programa Operacional de Assistência Técnica – Fundo Social Europeu
4. Quadro de Referência Estratégico Nacional.

Finalmente é importante referir que estas iniciativas portuguesas estão em fase de internacionalização. A Associação Coração Delta e a Junior Achievement Portugal já trabalham em outros países, enquanto a AIP, a empresa mais recente que implementou o Empreendedorismo nas escolas, está com o objetivo de expandir para todo o mundo que se fale português. Todas estas empresas são associações sem fins lucrativos.

Capítulo II – Metodologia de Pesquisa

2.1. Paradigma de investigação

Se o capítulo de referencial teórico contribuiu para encontrar resposta a uma primeira pergunta (qual a justificação teórica para a promoção de um projeto de empreendedorismo no Ensino Básico. E, também, qual foi a sua génese.), este capítulo pretende descrever o referencial metodológico que conduziu especialmente à busca de resposta para a segunda pergunta: qual é a perceção que os participantes neste projeto têm da sua aplicação no Colégio Valsassina.

Com efeito, para encontrar as razões que justificam a promoção do empreendedorismo na escola, foi preciso recorrer à consulta de literatura que nos ajudasse, primeiramente, a definir o empreendedorismo e a identificar os objetivos educativos de uma educação para o empreendedorismo. Mas, para indagar a perceção dos participantes neste projeto do Colégio Valsassina, que é o objeto de estudo empírico deste Relatório de estágio, é necessário recorrer à metodologia de observação e análise que permitam descrever uma vivência concreta e, daí, poder inferir aprendizagens.

Com esse propósito, a primeira consideração a assinalar refere-se ao paradigma metodológico em que nos iremos situar. Nesta deliberação, a opção recai sobre o paradigma de uma investigação qualitativa.

Certamente, o propósito de descrever uma realidade concreta (a aplicação de um programa numa escola concreta, num momento concreto) e o modo como ela é percebida por algumas/poucas pessoas concretas, impede de se optar por um paradigma quantitativo, mas, antes, por um paradigma qualitativo, em que seja a multiplicidade e diversidade dos dados que se recolhem, aqueles que dêem sustentabilidade às possíveis conclusões.

A literatura consultada sobre investigação em educação, permitiu confirmar o acerto na opção por este paradigma de investigação qualitativa: uma *investigação qualitativa* determina-se como uma recolha de dados a partir do meio envolvente, em que estes dados nos ajudam a construir a problemática de investigação. Os dados recolhidos são designados como qualitativos, devido, segundo Bogdan e Biklen (1994), a serem “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (p.16).

De acordo com as recomendações de uma correta investigação qualitativa, foi preciso planificar o nosso trabalho de recolha de dados com os seguintes cuidados:

- 1) Predisposmo-nos a saber como é perspectivado o projeto de empreendedorismo pelos protagonistas da sua implementação na escola. E fomos auscultar essas perspetivas sem qualquer hipótese prévia. Assim, atendemos às recomendações de Bogdan e Biklen, quando referem que a recolha de dados não deve ser para responder a questões prévias da investigação ou para testar hipóteses, mas sim, para compreender certos comportamentos da investigação e se conseguir elucidar o objeto de estudo.
- 2) Procurámos servir-nos da observação direta. Isto é, aproveitando a presença na escola durante o estágio curricular, praticámos a ideia associada à investigação naturalista, que, segundo Guba (1978) e Wolf (1978^a), referido em Bogdan e Biklen (1994), é aquela que ocorre quando a própria pessoa, ou seja, o investigador, vai aos locais e observa os factos em que está interessado, focando-se mais nos comportamentos das pessoas à sua volta.

É a partir deste tipo de investigação naturalista, que se vai guiar a presente *investigação de campo*. Trata-se de uma investigação em que os dados são recolhidos no

campo, através da interação com as pessoas, em vez de se fazer um trabalho de investigação num laboratório. Integrados no contexto em estudo, procurou-se compreender o empreendedorismo e a sua implementação nas aulas observadas, tanto com instrumentos de observação direta (diários de campo) como indirecta (através de entrevistas).

A opção por estes instrumentos utilizados, justifica-se pela intenção de registar como era que as aulas funcionavam, e, também, como é que os alunos reagiam, especialmente por serem aulas completamente diferentes das tradicionais. Portanto, o recurso à observação direta surgia como imprescindível nesta investigação em curso.

Por outro lado, o recurso às entrevistas, justificou-se como estratégia para saber um pouco mais sobre o projeto que estava a ser implementado no Colégio Valsassina e o porquê de se ter pensado em implementar este tipo de projeto, e, também, mais concretamente, o porquê da sua implementação na turma do terceiro ano.

2.1.1. Instrumento de observação direta: os diários de campo

O recurso à observação direta foi decidido com a intenção de registar a perceção dos intervenientes no projeto de empreendedorismo na turma do 3º C do Colégio Valsassina. Mais exatamente, optou-se por esta técnica de observação, para nos podermos aproximar da perceção, que os próprios alunos da turma, tinham do projeto. Assim, como já se disse, aproveitando o período de estágio, conseguíamos também nos aperceber do modo como as aulas deste projeto iam decorrendo.

Neste recurso à observação direta, tivemos em consideração as advertências de Afonso (2005), que nos apresenta a observação como “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra

condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários” (p.91).

Entre as diversas modalidades de observação direta, optou-se por uma observação não estruturada, isto é, uma observação que, segundo Cozby (1989) referido em Afonso (2005),

é conduzida quando o investigador quer descrever e compreender o modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social, [implicando] que o investigador se insira na situação (...) e observe o próprio contexto, os padrões das relações entre as pessoas, o modo como reagem aos eventos que ocorrem. (p.92)

Com efeito, a observação não estruturada, isto é, sem se restringir a uma lista cerrada de variáveis a verificar, tinha a grande vantagem de manter o observador numa atitude de abertura aos diversos fatores (atitudes, motivações dos alunos, incidentes inesperados, etc), que poderiam ocorrer e que pudessem ser relevantes para o nosso trabalho, mesmo que não tivessem sido previamente equacionados, antes da observação ocorrer.

Para o registo da observação não estruturada das aulas de empreendedorismo, decidiu-se por se elaborarem diários de campo das atividades que a turma realizou no âmbito deste projeto durante os três meses de estágio.

Na elaboração dos diários de campo, tivemos também presente a noção que deles é dada por Afonso (2005): “consiste num relato quotidiano da atividade do investigador, geralmente com um carácter reflexivo e prospectivo, no que respeita ao enquadramento teórico e à condução da estratégia da investigação” (p.93). Foram, pois, relatos do investigador que escreve quanto observa no meio em que ele próprio esteve presente e envolvido.

Certamente, os diários de campo ofereceram, como Bogdan e Biklen (1994) advertiam, “algumas pistas acerca de como é a vida para as pessoas que está interessado

em estudar” (p.178) e, assim, permitiam segundo o nosso propósito, perceber como eram as aulas de empreendedorismo, como decorriam e como é que os alunos reagiam às suas sessões.

Certamente, ia-se percebendo se os participantes nesta ação, mais propriamente os alunos, gostavam e se o que faziam nas aulas lhes era efectivamente proveitoso para o futuro em conformidade com os objetivos que justificaram a implementação do projeto.

Finalmente, temos que declarar que o uso destes diários de campo tiveram bem presente as vantagens e as desvantagens que lhes são comumente apontados pelos teóricos da metodologia da investigação. A principal vantagem é que os diários de campo permitem-nos compreender melhor a realidade e, neste caso, dar-nos a conhecer as situações de rotina dos alunos, garantindo o acesso a dados que, de outra forma, não seriam observados e recolhidos.

Mas este tipo de instrumentos de campo, tem também desvantagens que não foram ignoradas, nomeadamente, o peso da subjetividade de quem observa e o facto de que a preocupação da observação/investigação seja capaz de influenciar e alterar a própria situação que está a ser observada. Foi o que já nos foi advertido por Afonso (2005), “um dos principais problemas da utilização da observação como técnica de recolha de dados consiste na falta de rigor dos registos produzidos” (p.94).

2.1.2. Instrumento de observação indireta: as entrevistas semiestruturadas

O recurso à entrevista como técnica de investigação de campo, teve presente as referências metodológicas que encontrámos, por exemplo, em Afonso (2005), quando nos descreve a entrevista como uma das técnicas de recolha de dados mais frequentes na

investigação naturalista, e que “consiste numa interacção verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermédio do telefone” (p.97).

Certamente, é através deste tipo de instrumento que o entrevistador consegue obter uma melhor relação com o entrevistado e, assim, existe a oportunidade de indagar os mais profundos porquês e obter os melhores esclarecimentos circunstanciais que possibilitam à compreensão das respostas dadas pelo entrevistado.

Os objetivos de uma entrevista, segundo Stellitz (1965) referido em Sousa (2009), são: averiguar factos, opiniões, sentimentos, atitudes, decisões e motivações. No caso que nos ocupa, a escolha da entrevista como instrumentos de investigação de campo, justifica-se pela pretensão de se chegar ao esclarecimento de algumas dúvidas sobre o próprio projeto de empreendedorismo no Colégio Valsassina, sobre o que cada professor e encarregado de educação pensa dele, e, o que julgam que podem melhorar e quais os principais benefícios que os alunos lucram nestas actividades.

Para o efeito, o tipo de entrevista que vai ser utilizado será de uma entrevista semiestruturada, pois as entrevistas têm temas específicos a abordar, querem levar o entrevistado a pronunciar-se sobre temas concretos, mas quer também dar abertura para as mais variadas respostas. As perguntas serão abertas, pois, segundo Afonso (2005) dão hipótese ao entrevistado de divagar mais ou menos num ou noutro assunto, sem o cingir somente à pergunta colocada.

Em concreto foram preparadas três entrevistas semiestruturadas:

1. Uma primeira entrevista exploratória à Coordenadora do terceiro e quarto ano do Colégio Valsassina.
2. Uma segunda entrevista ao Departamento de Empreendedorismo e Cooperação Empresarial, da empresa que se responsabiliza pela implementação do projeto nas escolas.

3. Uma terceira entrevista aos professores e encarregados de educação do terceiro ano do Colégio Valsassina, onde o projeto é implementado.

1. A primeira entrevista exploratória

A entrevista exploratória à Coordenadora do terceiro e quarto ano do Colégio Valsassina, tinha a finalidade de realizar uma aproximação ao projeto, para entender, não apenas como funcionava, mas, antes, os motivos que justificavam a sua implementação na escola. Esta entrevista foi feita à coordenadora do terceiro e quarto ano, visto que existem duas coordenadoras no 1º Ciclo no Colégio Valsassina. Esta coordenadora, está inserida na valência em que o projeto foi implementado, e, também, ajuda os professores na sua implementação e na organização anteriores às aulas lecionadas.

Devido ao carácter exploratório desta primeira entrevista, optou-se pela sua realização em janeiro de 2013, numa fase prévia ao estudo que foi exposto no Capítulo do Referencial Teórico, pois, como veremos, um dos objetivos desta conversa inicial era também identificar territórios de aprendizagem: temas, autores, livros que sustentassem teoricamente a implementação prática do projeto de empreendedorismo nas escolas.

O balanço desta entrevista exploratória foi bastante positivo porque, graças à opção por uma mobilidade semiestruturada, foi da do espaço para que a Coordenadora entrevistada se pudesse alargar livremente sobre o modo como percecionava o projeto e, além disso, contribui para que as seguintes entrevistas e a própria análise de dados fossem posteriormente elaboradas com uma intencionalidade mais precisa. A estrutura da entrevista introdutória e exploratória foi a seguinte:

- a) As duas primeiras perguntas tentaram conhecer a génese do projeto na escola e em concreto na turma do 3º ano:

1. Qual a razão para haver este projeto de empreendedorismo na escola?

2. Como surge em concreto este projeto do empreendedorismo na turma do 3º ano de escolaridade no Valsassina.

b) A terceira e quarta pergunta procuraram elucidar as expectativas pedagógicas que tinham em relação ao projeto e as competências que procurava desenvolver nos alunos:

3. Quais são as potencialidades que encontram na implementação do projeto?

4. Encontram correspondência entre este projeto e as orientações curriculares do Primeiro Ciclo?

c) Com a quinta pergunta, procurámos saber se havia conhecimento de outras escolas com um projeto equivalente. Com efeito, esta questão abria caminho para sabermos em que medida estávamos perante uma iniciativa isolada ou se correspondia a um processo generalizado nas escolas;

d) Com a sexta e sétima pergunta, queríamos saber como era percebido o funcionamento objetivo do projeto e como é que os alunos estavam a reagir:

6. Como é que as crianças reagem ao projeto?

7. Como funciona este projeto?

2. A entrevista aos promotores do projeto

A segunda entrevista foi elaborada para auscultar a perceção da empresa dinamizadora do projeto (a AIP), em concreto, a duas das suas principais responsáveis: a diretora do departamento e a técnica que acompanha directamente a implementação do projeto no Colégio Valsassina.

O guião tentou motivar uma entrevista em profundidade, mas sempre com o cuidado de dar oportunidade aos entrevistados de se estenderem nas respostas sem se cingirem somente às questões colocadas. A entrevista teve a seguinte organização:

- a) A primeira pergunta, pretendeu identificar os entrevistados e a empresa onde estavam inseridos. Assim, soube-se um pouco mais sobre a empresa e sobre o papel que os entrevistados desempenhavam;
- b) Um segundo grupo de perguntas (a 2^a, 3^a, 4^a e 16^a), pretendiam que os entrevistados dessem a conhecer o modo como a empresa definia o empreendedorismo e qual o valor que lhe reconheciam:
 2. Empreender, Empreendedor e Empreendedorismo têm um significado técnico/preciso. Qual é?
 3. Desde quando o empreendedorismo é um conceito chave/relevante da empresa?
 4. O que justifica que o empreendedorismo seja relevante para a AIP? É mais importante hoje do que nos outros tempos?
 16. Qual a bibliografia de referência?
- c) Um terceiro grupo de perguntas (da quinta à nona), quis saber-se um pouco mais sobre como era projetada a promoção e educação para o empreendedorismo, na empresa AIP e noutras empresas, não apenas em Portugal, mas também noutros países pela Europa ou pelo Mundo:
 5. Como é que a Associação promove o Empreendedorismo na sociedade em geral?
 6. Que outras instituições, da Europa e do Mundo, estão a ter uma preocupação equivalente à da AIP?

7. Quando/como surgiu a preocupação de estender a promoção do Empreendedorismo na escola em geral?

8. Desde quando (há quantos anos) e como existe um programa no 1º Ciclo?

9. Em Portugal é a única empresa que trabalha este conceito?

d) O quarto grupo de perguntas (da 10ª à 15ª), pretendiam saber, mais concretamente, da aplicação do empreendedorismo no 1º Ciclo: objetivos, condições de implementação.

10. Quais os objetivos, principais méritos, vantagens que reconhece com a aplicação deste programa no 1º Ciclo?

11. Qual o propósito da expansão deste programa?

12. Visto que o programa é aplicado pelo professor da turma, como preparam os professores que vão lecionar as sessões?

13. Têm algum relatório de avaliação da sua aplicação, de algumas escolas de anos anteriores?

14. Se fizéssemos uma análise swot do programa nas escolas, quais eram os pontos fortes e fracos, as oportunidades e ameaças?

15. Qual a perceção que a empresa tem da receção do programa pelos professores?

3. A entrevista aos intervenientes no projeto do Colégio Valsassina

Se a primeira entrevista foi exploratória e a segunda nos deu a perspetiva da entidade promotora do projeto, a terceira entrevista é aquela que verdadeiramente poderá dar-nos a conhecer aquilo que nos tínhamos proposto inicialmente, ou seja, saber como é que era percebido o projeto pelos seus protagonistas diretos: os professores, os encarregados de educação e, por via deles, os próprios alunos.

Estas entrevistas ocorreram apenas no final do estudo teórico. O guião elaborado tentava retirar informação sobre a perceção dos professores e dos pais, mas não uma perceção espontânea e difusa. Porque já tínhamos nesta fase um conhecimento seguro do que uma educação para o empreendedorismo encerrava, queríamos saber, ao certo, se essas competências-chave do empreendedorismo eram reconhecidas na implementação efetiva do projeto.

Assim, as quatro perguntas desta entrevista aos professores e encarregados de educação, tinham este único propósito: avaliar quais das atitudes, competências e saberes que a literatura associa ao empreendedorismo, eram efetivamente reconhecidas pelos entrevistados:

- a) Uma primeira pergunta introdutória, pretendia que os entrevistados se pronunciassem de forma clara e objetiva, sobre a medida em que observaram (pouco, suficiente e bastante) ou não observaram que a implementação do projeto tivesse contribuído para o desenvolvimento das atitudes, competências e saberes, associadas ao empreendedorismo.

Como pode verificar-se no guião da entrevista em anexo, esta pergunta era respondida em grelha e listava as atitudes, competências e saberes que foram identificadas no capítulo do referencial teórico. A avaliação em quatro níveis (não observei, pouco, suficiente e bastante), por ser um número par de níveis, iria impedir que os entrevistados se acomodassem num nível intermédio, como poderia acontecer se a escala tivesse sido em número ímpar (de 1 a 5, por exemplo);

- b) A segunda pergunta teve o objetivo de solicitar aos entrevistados que dessem a conhecer outros contributos que o projeto estivesse a proporcionar aos alunos, além daqueles que constam na lista de atitudes, competências e saberes da pergunta anterior. Como este projeto também pretende contribuir para uma melhoria nas

outras áreas curriculares (fazendo com que os alunos se expressem melhor ou sejam mais autónomos, por exemplo), esta pergunta dava espaço para que os entrevistados pudessem aflorar esses outros contributos do projeto;

- c) Numa terceira pergunta, dava-se a escolher aos entrevistados, de entre a grelha da pergunta introdutória, alguns dos contributos que entendessem que não seriam adquiridos, se não fosse por este projeto. Além disso, também permitiria auscultar o nível de conhecimento que os professores e encarregados de educação tinham sobre o projeto;
- d) Por último, a quarta pergunta, pretende saber quais os principais constrangimentos e melhorias do projeto que os entrevistados acham que se poderiam fazer. No fundo, esta pergunta poderia vir a indicar em que medida é prospetivado o projeto como uma iniciativa a ser continuada no futuro.

2.2. O processo de análise de dados

O próximo Capítulo será dedicado à análise de dados recolhidos nos diários de campo e nas entrevistas aos professores e encarregados de educação. Serão nesses registos que poderemos vir a encontrar um entendimento credível, do que a percepção que os protagonistas diretos no projeto têm efectivamente sobre o projeto.

Como será descrito ao longo do Capítulo, o processo de análise dos dados dos diários de campo e das entrevistas serviu-se da construção de uma grelha de observação que, por sua vez, foi estruturada com categorias que procedem da pausa do processo de estudo que se descreveu no Capítulo primeiro.

Finalmente, como garantia prévia à análise de dados, foi adotada a prudencial medida de solicitar a cada entrevistado que validasse os registos das suas respetivas entrevistas, que se encontram em Anexo.

Capítulo III – Análise Interpretativa dos Dados

Para que a recolha de dados efetuada com diários e entrevistas contribuísse efetivamente para se conhecer ao certo como é que os alunos trabalhavam neste projeto e como é que ele era perspectivado pelos professores e encarregados de educação, foi preciso submeter os dados recolhidos a um rigoroso e sistemático processo de análise, tendo bem presente para o efeito a ideia proposta por Bogdan e Biklen (1994) quando afirmam que:

a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (p.205)

De modo a proceder a uma análise interpretativa dos diários de campo e das entrevistas que fosse, simultaneamente, clara, coerente e solidamente fundamentada, decidiu-se pelo recurso a uma grelha de análise que tivesse, como categorias da sua estruturação interna, justamente aquelas atitudes, competências e saberes que, conforme se referiu no capítulo do quadro teórico, sintetizam tudo quanto é esperado da implementação de um programa de empreendedorismo nas escolas.

Assim sendo, dedicaremos os próximos parágrafos, em primeiro lugar, a uma nova leitura de todos os diários de campo; a seguir, faremos uma segunda leitura das entrevistas aos professores e encarregados de educação. E, tanto na leitura dos diários como das entrevistas, tentaremos encontrar elementos que possam ser categorizados como manifestações de algumas daquelas atitudes, competências e saberes de que temos vindo a falar.

3.1. As categorias de análise

A leitura dos diários e das entrevistas tiveram o cuidado de quererem encontrar neles algumas manifestações que pudessem ser associadas, como já foi antes dito, às atitudes, competências e saberes que, segundo as aprendizagens alcançadas no nosso enquadramento teórico (capítulo primeiro), sintetizam os objetivos de um projeto de empreendedorismo nas escolas.

Em concreto, a leitura dos dados procurou encontrar sinais que indicassem a presença nessas aulas, dos seguintes objetivos pedagógicos de desenvolvimento:

a) Atitude de Criatividade e iniciativa

São incluídos nesta categoria os diários em que os alunos foram desafiados a realizarem atividades com uma margem significativa para a sua livre iniciativa. Ou, também, os diários em que, de algum modo, se observa uma oportunidade para o exercício do pensamento criativo.

b) Atitude de Resiliência: autoconfiança e resistência à mudança

Nesta categoria, são incluídos diários em que os alunos precisam ou demonstram tal autoconfiança na realização das atividades exigidas no projeto, em que com a mudança os faça sentir mais fortes do que anteriormente.

c) Atitude de Maturidade: autonomia e responsabilidade

Na categoria de maturidade, são incluídos os diários que demonstram que os alunos gozam autonomia nas suas escolhas. Isto é, diários em que se observe, de alguma forma, o apelo à responsabilidade pela tomada de decisões.

d) Competência de ser capaz de decidir e planejar estratégias para a resolução de problemas

São incluídos nesta categoria, os diários em que os alunos, autonomamente, devem arranjar soluções e estratégias para ultrapassar algumas dificuldades. Referimo-nos, nomeadamente, às dificuldades relacionadas com a criação da ideia de negócio ou, por ventura, para vencer algum outro tipo de obstáculo.

e) Competência de ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo

Com esta categoria, pretende-se encontrar nos diários alguns indícios que revelam que os alunos trabalham em grupos e realizam um autêntico trabalho cooperativo, de forma a trocarem ideias e a ouvirem-se entre si.

f) Competência de ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio

Esta competência constitui uma categoria em que serão incluídos os diários que demonstram que os alunos conseguem desenvolver uma ideia de negócio e que conseguem pensar como a poderão implementar.

g) Saber os conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc.

Nesta categoria, são incluídos os diários que dão conta de como os alunos (nas aulas ou nas sessões de jogo), entram em contacto e se vão familiarizando com estes conceitos.

h) Saber as fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio

São incluídos nesta categoria, os diários em que os alunos têm que demonstrar conhecimento sobre estas fases que necessitam de percorrer para criar um negócio.

Ou, também, os diários em que de alguma forma trabalham, mais aprofundadamente, estas fases.

Como foi antes referido, todas estas atitudes, competências e saberes, foram condensadas a partir da fundamentação teórica descrita no 1º Capítulo. Foi com base nas competências-chave associadas ao empreendedorismo, mais os objetivos formulados para o projeto de empreendedorismo na escola, que se elaborou esta lista de categorias com que nos propusemos agora analisar as entrevistas e os diários de campo.

3.2. Análise dos diários

A análise dos diários foi precedida pela construção de uma grelha de análise, constituída por linhas com as oito categorias descritas na alínea anterior e com colunas para cada dia dos diários.


Uma vez que, como já foi dito anteriormente na introdução, as aulas de empreendedorismo tiveram dois tipos de sessões (as aulas com a professora titular e as sessões de jogo), elas serão distinguidas na grelha, através de cores diferentes.

A seguir, foi dada uma nova leitura aos diários, com o cuidado de registar onde eram encontrados indícios que pudessem fazer referência a cada uma das oito categorias.

O resultado desta leitura foi recolhida posteriormente na grelha de análise que apresentamos a seguir:

		Diários													
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Atitudes	Criatividade e iniciativa		X	X		X			X	X	X	X	X		
	Fortaleza: autoconfiança e resistência à mudança	Não existem diários que possam ser associados a esta categoria													
	Maturidade: autonomia e responsabilidade	X	X			X			X	X	X	X	X		
Competências	Ser capaz de decidir e planejar estratégias para a resolução de problemas				X				X	X	X	X	X		X
	Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo				X	X									
	Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio		X	X					X	X	X	X	X		
Saberes	Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc														X
	Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio	X					X	X	X	X	X	X	X	X	

 Aulas de empreendedorismo com a professora titular

 Sessões do jogo de empreendedorismo

Nos próximos parágrafos, procede-se à verificação dos motivos que permitiam afirmar que, em cada diário, havia efetivamente sinais de se estarem a desenvolver aquelas atitudes, competências e saberes.

a) Criatividade e iniciativa

Esta categoria encontra correspondência em três das nove sessões com a professora e em todas as cinco sessões de jogo.

Aulas

Diário 2: os alunos eram desafiados a escreverem num papel uma possível ideia de negócio que iria ser o trabalho a desenvolver durante o ano.

Diário 3: os alunos eram desafiados a escolherem, de entre os temas propostos, cinco hipóteses de negócios.

Diário 5: os alunos eram desafiados a pensarem em nomes para as suas empresas.

Jogos

Diário 8

Diário 9

Diário 10

Diário 11

Diário 12

Nestas sessões do jogo de tabuleiro, os alunos eram desafiados a serem criativos da forma como jogavam e pensavam nas suas estratégias de jogo.

Síntese: Com efeito, estas narrativas mostram que este projeto apela à criatividade dos alunos, especialmente na realização do jogo, pois faz com que eles pensem por si mesmos e tenham ideias originais e próprias. No entanto, é apenas numa reduzida percentagem de sessões (3 em 9), que se reconhece esta categoria nas aulas propriamente ditas.

b) Resiliência: autoconfiança e resistência à mudança

Não foram encontradas referências em promoção desta atitude.

c) Maturidade: autonomia e responsabilidade

Esta categoria encontra correspondência, em apenas três das nove sessões com a professora titular e em todas as cinco sessões do jogo de tabuleiro.

Aulas

Diário 1: os alunos, autonomamente, colocaram questões à técnica sobre alguns aspetos referentes ao projeto.

Diário 2: os alunos escolheram, livremente, pensando por si mesmos, em alguns possíveis temas de negócio que gostariam de trabalhar.

Diário 5: os alunos, em grupos, iam escolhendo os nomes das suas empresas e algumas questões relacionadas com a mesma.

Jogos

Diário 8

Diário 9

Diário 10

Diário 11

Diário 12

Nestas sessões do jogo de tabuleiro, os alunos, depois de uma explicação inicial fizeram um jogo autonomamente em que eram desafiados a tomar decisões sozinhos para conseguirem criar um negócio próprio.

Síntese: Com efeito, estes relatos mostram que este projeto estimula a maturidade que os alunos devem ter, especialmente na realização do jogo, pois têm a responsabilidade de tomar decisões sozinhos, fazendo com que sejam responsáveis por si mesmos. No entanto, é apenas numa reduzida percentagem de sessões (3 em 9), que se reconhece esta categoria nas aulas propriamente ditas.

d) Ser capaz de decidir e planejar estratégias para a resolução de problemas

Esta categoria encontra correspondência em apenas duas das nove sessões com a professora e em todas as sessões, ou seja, as cinco, de jogo de tabuleiro.

Aulas

Diário 4: os alunos, mais propriamente alguns grupos, foram confrontados com as suas decisões de ideia de negócio e tiveram de reformular a sua ideia por não ser concretizável.

Diário 14: os alunos estiveram a encontrar a necessidade de criarem as suas empresas e quais as estratégias de marketing que iriam usar. Nas estratégias de marketing foi feito um plano para cada empresa.

Jogos

<u>Diário 8</u>	}	Nestas sessões do jogo de tabuleiro, os alunos eram desafiados a criarem estratégias para conseguirem criar o seu negócio através das cartas, para que o jogo fosse concluído e chegassem à casa final.
<u>Diário 9</u>		
<u>Diário 10</u>		
<u>Diário 11</u>		
<u>Diário 12</u>		

Síntese: Com efeito, estas narrativas demonstram que este projeto, especialmente na realização do jogo, tem em conta as ideias e a forma como os alunos encontram estratégias para diversas situações. Esta estratégia encontra-se também, tanto nas sessões com a professora titular como nas sessões de jogo, mas especialmente no jogo, pois proporciona aos alunos que eles pensem em encontrar soluções e estratégias para os seus problemas. No entanto, é apenas numa reduzida percentagem de sessões (2 em 9), que se reconhece esta categoria nas aulas propriamente ditas.

e) Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo

Esta categoria encontra correspondência em somente duas das nove sessões com a professora titular.

Aulas

Diário 4: os alunos, como turma, estiveram a decidir, das muitas propostas que ouviram, os temas que iriam ser trabalhados por cada grupo.

Diário 5: os alunos trabalharam a aula toda de empreendedorismo com o seu grupo de trabalho, pensando na sua ideia de negócio.

Síntese: Com efeito, estes diários demonstraram o que este projeto proporciona aos alunos a oportunidade de realizar trabalho cooperativo, mas pouco, pois apenas aparece claramente em 2 das 14 sessões.

f) Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio

Esta categoria encontra correspondência somente em duas das nove sessões com a professora titular e em todas as cinco sessões do jogo de tabuleiro.

Aulas

Diário 2: os alunos tiveram de pensar numa ideia de negócio que queriam que fosse trabalhada como projeto, nestas aulas de empreendedorismo.

Diário 3: foram discutidas as ideias de negócio de cada um, vendo quais eram as concretizáveis e também quais é que a turma preferia trabalhar, visto que iam trabalhar em grupos.

Jogos

Diário 8
Diário 9
Diário 10
Diário 11
Diário 12

Nestas sessões do jogo de tabuleiro, os alunos tinham de ter as noções do que é um negócio, pois era necessário que reunissem as cartas do mesmo negócio para chegar ao fim do jogo.

Síntese: Com efeito, estas exposições de aulas, tanto as sessões de jogo como as aulas com a professora, mostram a capacidade que os alunos têm de ter uma ideia de negócio e também como eles têm a perceção desse conceito. Para que os outros achem as suas ideias de negócio “boas”, é necessário que as consigam explicar como iriam fazer para a opção deles ser a escolhida.

Mas esta categoria aparece especialmente no jogo, pois proporciona aos alunos que eles pensem em encontrar soluções e estratégias para os seus problemas. No entanto, é apenas numa reduzida percentagem de sessões (2 em 9), que se reconhece esta categoria nas aulas propriamente ditas.

g) Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc.

Esta categoria encontra correspondência somente numa sessão com a professora titular.

Aula

Diário 14: os alunos estiveram a falar sobre as suas estratégias de marketing da sua ideia de negócio.

Síntese: Com efeito, esta narrativa demonstra que este projeto proporciona aos alunos, a oportunidade de discutirem as estratégias de marketing que querem aplicar e os seus conhecimentos dos conceitos que aprenderam com este projeto. Mas, o facto de apenas acontecer em 1 das 14 sessões, revela ser também uma categoria pouco evidenciada nos diários.

h) Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio

Esta categoria encontra correspondência em três sessões com a professora titular e em todas as cinco sessões de jogo de tabuleiro.

Aulas

Diário 1: os alunos tiveram conhecimento do projeto e visionaram um filme sobre como criar um negócio e as suas fases.

Diário 6: os alunos reviram o filme que já tinha sido visto na primeira sessão de empreendedorismo, e responderam a algumas perguntas sobre as fases que tinham acabado de visionar no filme.

Diário 7: os alunos continuaram a responder às questões colocadas pela professora titular sobre as fases de um negócio, e o porquê de se ter de fazer primeiro uma fase em vez de outra.

Jogos

Diário 8
Diário 9
Diário 10
Diário 11
Diário 12 } Nestas sessões do jogo de tabuleiro, os alunos realizaram um jogo de tabuleiro sobre o empreendedorismo, em que estiveram presentes as etapas que é necessário passar para formar um negócio.

Diário 13: os alunos estiveram a visionar pequenos filmes sobre empresas suas conhecidas, para saber como foi elaborado o negócio das mesmas e os ajudar a criar a sua.

Síntese: Com efeito, estas narrativas relativamente às fases que se necessita de percorrer para criar um negócio, são fundamentais para o projeto que os alunos estão a fazer. Mas esta categoria aparece especialmente no jogo, pois é apenas numa reduzida percentagem de sessões (3 em 9), que se reconhece esta categoria nas aulas propriamente ditas.

Acreditando que tenha sido convenientemente justificada a associação da análise dos diários e a sua correspondência às diversas categorias, podemos registrar neste momento o seguinte:

- a) Não há nenhuma das 8 categorias que se reflitam na totalidade das sessões.

- b) As categorias mais evidenciadas nas sessões, são aquelas que se revelam em todas as sessões ocupadas com a realização do jogo, e que também aparecem em 3 das 9 sessões de aulas propriamente ditas. São:
 - Criatividade e iniciativa
 - Maturidade: autonomia e responsabilidade
 - Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio

- c) As categorias menos evidenciadas nas sessões, são aquelas que não se revelam nas sessões ocupadas com a realização do jogo, e que aparecem em 1 ou 2 sessões de aulas propriamente ditas. São:
 - Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo
 - Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc

- d) Há uma categoria que não se revela em qualquer uma das 14 sessões:
 - Resiliência: autoconfiança e resistência à mudança

Obviamente, esta análise não permite tirar conclusões quanto à pertinência dos objetivos ou quanto à adequação do projeto a esses objetivos, mas merecerão ser consideradas na hora de se apontarem vias para uma conclusão.

3.3. Análise das entrevistas

Para a análise às entrevistas aos professores e encarregados de educação, servimo-nos das mesmas categorias usadas na análise dos diários. Isto é, quais são as referências que encontramos nas entrevistas que procuram indicar que os entrevistados se apercebem de que o projeto promove aquelas atitudes, competências e saberes.

Assim, com a análise que se vai seguir, podemos verificar:

a) Pergunta introdutória

Como já se disse anteriormente no capítulo metodológico, pretendeu-se que os entrevistados se pronunciassem sobre as atitudes, competências e saberes que eles realmente percebiam estarem a ser desenvolvidas com este projeto.

No quadro seguinte, podemos verificar as suas respostas:

		Não observei	Pouco	Suficiente	Bastante
Atitudes	Criatividade e iniciativa			1	3
	Fortaleza: autoconfiança e resistência à mudança			2	2
	Maturidade: autonomia e responsabilidade			1	3
Competências	Ser capaz de decidir e planejar estratégias para a resolução de problemas			2	2
	Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo			1	3
	Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio			2	2

Saberes	Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc			3	1
	Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio			3	1

É certo que esta pergunta não é suscetível de ser analisada quantitativamente, uma vez que estamos a falar apenas de quatro entrevistas. Também não era o nosso propósito fazer qualquer análise quantitativa de dados, pois, como foi oportunamente referido, optámos por nos posicionarmos no território de uma investigação qualitativa. Por isso, interessa muito mais atender ao teor das próximas respostas. No entanto, nada impede que, com um intuito meramente introdutório e de aproximação à perceção das entrevistas, que olhemos para os números dessa tabela.

Assim, o que esta pergunta introdutória parece indicar é que, tanto os professores como os encarregados de educação entrevistados, conseguem observar todas as atitudes, competências e saberes, mas não todos com a mesma evidência.

Efetivamente, uma vez que os entrevistados responderam que se aperceberam do desenvolvimento de todos os objetivos listados num nível “suficiente” ou “bastante”; e entendendo que, a falta de uma avaliação de “não observei” ou de “pouco”, seja um sinal de simpatia do entrevistado; então, o “suficiente” e o “bastante” é equivalente à diferença entre o “Não muito” e o “Muito”.

Com esta interpretação das respostas, podemos olhar para os resultados e destacar as seguintes notas:

1. Não há nenhum objetivo que seja MUITO apercebido pelos quatro entrevistados. Os objetivos que são melhores apercebidos no projeto (por três dos quatro entrevistados) são:

- Criatividade e iniciativa
- Maturidade: autonomia e responsabilidade
- Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo

2. Os objetivos que são menos apercebidos (ou NÃO MUITO apercebidos) no projeto (por apenas um dos quatro entrevistados) são:

- Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc
- Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio

b) Segunda pergunta: Há algum contributo importante deste projeto que queira salientar?

Referente a esta pergunta, podemos verificar na tabela seguinte que, em relação à mesma, tanto os professores como os encarregados de educação deram respostas muito distintas.

Professor 1	Ajuda a desenvolver o raciocínio matemático
	Faz com que os alunos percebam as necessidades e consigam identificar a quem recorrer
Professor 2	Não respondeu
Professor 3	Ajuda as crianças a perceberem melhor o funcionamento das empresas/negócio
Encarregado de Educação 1	Ajuda os alunos na partilha de saberes e na cooperação

Uma reflexão sobre as respostas recolhidas a esta pergunta, permite-nos comprovar os seguintes factos:

- A maior parte dos contributos referidos acabam por coincidir com os objetivos propostos na pergunta anterior, valorizando a utilidade do projeto para desenvolver a comunicação e o trabalho cooperativo, além de lhes dar a entender bem, como se cria um negócio;
- Apenas um dos professores (nomeadamente o Professor 1), dá como resposta um objetivo (“Ajuda a desenvolver o raciocínio matemático”) que efetivamente não estava nas categorias anteriores mas que, por sinal, já constava no projeto: desenvolverem os conhecimentos nas outras áreas curriculares. Assim, os alunos conseguem fazer a ponte com as outras áreas, adquirindo atitudes, competências e saberes que alcançam a seu favor.

Trata-se efetivamente de um ponto importante a destacar, pois faz com que se justifique a implementação do projeto nas escolas, como os criadores dele o queriam.

c) Terceira pergunta: Quais os contributos mencionados, justificam a implementação do projeto? Isto é, quais as aprendizagens que, *sem o projeto*, não seriam suficientemente adquiridas na escola?

Relativamente a esta pergunta, podemos verificar na tabela seguinte, o que os professores e encarregados de educação responderam:

Atitudes	Criatividade e iniciativa	1
	Fortaleza: autoconfiança e resistência à mudança	0
	Maturidade: autonomia e responsabilidade	0
Competências	Ser capaz de decidir e planear estratégias para a resolução de problemas	1
	Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo	2
	Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio	2
Saberes	Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc.	3
	Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio	3

A análise das respostas recolhidas a esta pergunta permite-nos constatar o seguinte:

- Os contributos mais importantes deste projeto, reconhecidos pelos professores e encarregados de educação entrevistados, são aqueles que estão mais diretamente ligados aos saberes deste projeto, mais propriamente aos conceitos e às fases que se necessita de saber para se criar um negócio. No fundo, os entrevistados expressam perceberem que essas aprendizagens facilitadas neste projeto, não seriam certamente em mais nenhuma área curricular;
- Os contributos que não são, somente, trabalhados por este projeto, que não foram nomeados pelos professores nem encarregados de educação, foram a autoconfiança e resistência à mudança e, também, a autonomia e responsabilidade.

Com esta interpretação das respostas, podemos olhar para os resultados e destacar as seguintes notas:

1. Os objetivos que justificam mais a implementação do projeto pelos entrevistados são:

- Adquirir o conhecimento dos conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc
- Ficar a conhecer as fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio

2. Os objetivos que justificam menos a implementação do projeto pelos entrevistados são:

- Desenvolver a Resiliência: autoconfiança e resistência à mudança
- Promover a Maturidade: autonomia e responsabilidade

d) Quarta pergunta: Quais são os principais constrangimentos registados na implementação do projeto? Quais as melhorias que, no seu entender, deveriam ser introduzidas?

Para dar a conhecer as respostas das entrevistas, foi feita uma tabela para se verificar se existia conformidade nos seus constrangimentos ou não:

Constrangimentos	Nenhum	0
	Falta de tempo	3
	Necessidade de agrupar sessões	1
	Falta de formação dos docentes do 1º Ciclo	1
	Dificuldade de trabalhar em grupo no 3º ano	1
	As crianças ainda não têm maturidade suficiente para compreenderem alguns conceitos e construir um negócio	1
	Os alunos não saberem, por vezes, a quem pedir ajuda	1
Melhorias	Condensar as sessões	3
	Explicar-se melhor os conceitos aos alunos	1
	Nenhuma	0

Com efeito, esta tabela permite verificar que existe um consenso nas respostas dos entrevistados, principalmente, como podemos ver em anexo, no que se refere aos constrangimentos e possíveis melhorias a introduzir. Nomeadamente, constata-se que a falta de tempo é referida como sendo o principal constrangimento e, que, como melhoria, sentiam a necessidade de condensar as sessões.

1. Os constrangimentos que os entrevistados nomearam mais, foram:
 - Falta de tempo
2. Os constrangimentos que nomearam menos, foram:
 - Necessidade de agrupar sessões
 - Falta de formação dos docentes do 1º Ciclo
 - Dificuldade de trabalhar em grupo no 3º ano
 - As crianças ainda não têm maturidade suficiente para compreenderem alguns conceitos e construir um negócio
 - Os alunos não saberem, por vezes, a quem pedir ajuda
3. As melhorias que os entrevistados nomearam mais, foram:
 - Condensar as sessões
4. As melhorias que os entrevistados nomearam menos, foram:
 - Explicar-se melhor os conceitos aos alunos

Capítulo IV – Considerações Finais

O longo processo de realização deste Relatório Final, depois de muitos momentos altos e baixos, chega agora à sua última etapa de encerramento e conclusão.

Fiéis ao tema escolhido para a sua elaboração (*a promoção de um projeto de empreendedorismo no Ensino Básico*), procurar-se-á resumir nos próximos parágrafos, as respostas encontradas para as perguntas inicialmente formuladas, que eram as seguintes:

1. Qual a justificação teórica para a promoção de um projeto de empreendedorismo no Ensino Básico? E, também, qual foi a sua génese?
2. Qual é a perceção que os participantes neste projeto têm, da sua aplicação no Colégio Valsassina?

Em suma, estas perguntas realizam aquilo que desde o início se procurou encontrar: as razões que justificassem a implementação deste tipo de projeto no ensino básico.

Centrando-nos inicialmente na **Primeira Pergunta** (qual foi a génese e a justificação teórica para a promoção de um projeto de empreendedorismo no Ensino Básico), que principalmente é respondida com a pesquisa relatada no capítulo do referencial teórico, podemos concluir o seguinte:

- A promoção do empreendedorismo relaciona-se com os quatro pilares da educação, que os estudos liderados por Jacques Delors propuseram como necessários numa educação e formação para o século XXI;
- O empreendedorismo é, por sua vez, uma das oito competências-chave associadas ao conceito de aprendizagem ao longo da vida;

- Além disso, a promoção do empreendedorismo mostrou-se adequada com os objetivos e as normas orientadoras estabelecidas para o ensino básico.

O esforço por saber o que era propriamente o Empreendedorismo, e o porquê da sua implementação no Colégio Valsassina (através do estudo do referencial teórico e de entrevistas às responsáveis do Colégio e da empresa promotora do projeto), deu-nos a conhecer as seis competências-chave do empreendedorismo e como é que eles encontravam correspondência nos objetivos das orientações curriculares e, também, nos vários objetivos específicos que encontramos enunciados no manual do professor responsável pelo projeto.

O cruzamento de toda a informação recolhida, permitiu elaborar um quadro que sintetiza todas as atitudes, competências e saberes que podem ser associadas a uma educação para o empreendedorismo:

a) Desenvolver as Atitudes:

- Da criatividade e iniciativa;
- Da Resiliência (autoconfiança e resistência à mudança);
- E da Maturidade (autonomia e responsabilidade).

b) Fomentar a capacidade:

- De decidir e planear estratégias para a resolução de problemas;
- De criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo;
- E de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio.

c) Dar a conhecer e entender:

- Os conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc.;
- As fases e factores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio.

Essa lista de atitudes, competências e saberes constituíram também, num segundo momento, o ponto de referência para conduzir a pesquisa que respondesse à **Segunda Pergunta** de investigação: qual é a percepção que os participantes neste projeto têm, da sua aplicação no Colégio Valsassina?

Em síntese, a resposta a esta pergunta serviu-se de dois instrumentos (os diários de campo e as entrevistas realizadas aos professores e encarregados de educação) e permitiu conferir as seguintes ideias:

- É um projeto percecionado como um desafio de grande importância para os alunos: conseguem apresentar no final do ano uma ideia elaborada de negócio.
- Os principais contributos reconhecidos à implementação do projeto, são os que se referem ao conhecimento que proporcionam sobre as fases da criação de uma ideia de negócio, que são abordadas num nível suficientemente adequado à idade dos alunos do 3º ano.
- O projeto é também percecionado como uma oportunidade bastante boa para os alunos desenvolverem algumas capacidades que, por vezes, podem estar reprimidas. Faz com que eles se desenvolvam mais, intelectualmente, pensem melhor sobre alguns aspetos importantes e dêem a conhecer as suas opiniões.
- A aprendizagem de conceitos específicos da área empresarial, que é um dos objetivos inicialmente previstos, apenas foi observada num único diário, o que pode dar a entender que estes conceitos não foram muito abordados;
- Os maiores constrangimentos enunciados pelos professores, relacionam-se unanimemente com a falta de tempo disponível e a insuficiente preparação/formação prévia à implementação do projeto.

Resumidamente, o projeto de empreendedorismo implementado na turma do 3º ano do Colégio Valsassina, revelou, tanto nas sessões com a professora titular como nas sessões do jogo de tabuleiro, que os alunos se mostravam bastante motivados e entusiasmados. Aliás, os trabalhos em grupo constituíam também um incentivo para estas aulas, pois não ocorriam habitualmente nas aulas de outras áreas curriculares. Mas a principal conclusão que podemos alcançar no final deste processo é que, a perceção que os participantes têm deste projeto é igualmente positiva, ainda que com clara consciência dos diversos constrangimentos que foram identificados e das diversas melhorias sugeridas e que poderiam ser introduzidas.

Como síntese a este trabalho, podemos dizer que o projeto de empreendedorismo implementado numa turma do 3º ano do Ensino Básico proporciona a oportunidade aos alunos de elaborarem uma ideia de negócio de uma forma simples e fácil de entender.

Além disso, ainda que as restantes atitudes e competências possam ser desenvolvidas com outras atividades, é possível reconhecer que estas aulas de Empreendedorismo são uma ocasião favorável para que os alunos as desenvolvam e as expressem de uma maneira diferente.

Num plano mais global, o presente relatório dá conta de uma realidade muito especial, contactada no local de estágio, que responde, como foi possível apurar, a uma preocupação que as políticas educativas consideram de elevado interesse na época que vivemos, no início do século XXI.

Ainda assim, também sabemos que existem muitas iniciativas que têm sido experimentadas por esse mundo fora, com o mesmo intuito de promover a educação para o empreendedorismo, normalmente propostas de fora para dentro do contexto escolar. E esta conclusão permite antever mais dois apontamentos finais:

- Que ainda está por ser encontrada a fórmula de projeto mais adequada para cada escola e nível de escolaridade;
- Que a devida preparação dos professores deverá ser um fator a ponderar para uma implementação mais eficaz e consistente.

Bibliografia

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico.*

Porto: Edições Asa

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma*

Introdução à Teoria e aos Métodos. Editora: Porto Editora

Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem: 21 ensaios para o*

século 21. Ed: Fundação Manuel Leão

Comissão Europeia. (1995). *“Livro Branco” sobre a educação e a formação; Ensinar e*

aprender – Rumo à sociedade cognitiva. Luxemburgo: Serviço das Publicações

Oficiais das Comunidades Europeias

s.n. (2012). *Manual do Professor – Ateliers empreender criança.* Lisboa: Associação

Industrial Portuguesa – Câmara de Comércio e Indústria

Webgrafia

Associação Bandeira Azul da Europa (n.d.). Centro Educativo Alice Nabeiro. [em linha] *Eco-Escolas*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em <http://www.abae.pt/EcoEscolas/index.php?p=schoolpage&id=1551>

Associação Bandeira Azul da Europa (n.d.). Lista de Escolas Inscritas em 2013-2014. [em linha] *Eco-Escolas*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em <http://www.abae.pt/EcoEscolas/index.php?p=schools&s=2013-14>

Associação Bandeira Azul da Europa (n.d.). Parceiros em Projetos. [em linha] *Eco-Escolas*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em www.deltacafes.pt/pt/sustentabilidade/responsabilidade-social/projectos-de-responsabilidade-social

Colégio Valsassina (2011). O perfil do aluno do Valsassina: uma formação humanista e personalizada. [em linha] *Colégio Valsassina*. Acedido Janeiro 19, 2014, em http://new2.cvalsassina.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=74&Itemid=119

Colégio Valsassina (2011). Valsassina: História e Projeto Educativo. [em linha] *Colégio Valsassina*. Acedido Janeiro 20, 2014, em http://new2.cvalsassina.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=14&Itemid=30

Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (n.d.). Competências Gerais. [em linha] *Ministério da Educação*. Acedido Janeiro 20, 2014, em file:///C:/Users/Mafalda/Downloads/curric_nacional_competenciasgerais.pdf

Delors, J. et al. (1996). Educação: Um Tesouro a Descobrir. [em linha] Acedido Janeiro 30, 2014, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>

DGIDC (2006/2009). Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo. [em linha] *Ministério da Educação*. Acedido Fevereiro 8, 2014, em <http://www.dgidc.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=151>

DGIDC. (2008/2009). Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo. [em linha] *Ministério da Educação*. Acedido Fevereiro 8, 2014, em file:///C:/Users/Mafalda/Downloads/apresentacao_pnee.pdf

Grupo Nabeiro (2014). Projectos Responsabilidade Social: Associação Coração Delta. [em linha] *Delta Cafés*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em www.delta-cafes.pt/pt/sustentabilidade/responsabilidade-social/projectos-de-responsabilidade-social

IPOG (n.d.). Revista IPOG: O que é a Revista Especialize?. [em linha] *IPOG*. Acedido Fevereiro 9, 2014, em <http://ipog.edu.br/nao-aluno/revista-ipog/o-que-e-a-revista-especialize->

Junior Achievement (2008). Sobre Nós. [em linha] *Junior Achievement*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:209688128262108:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:6799,7

Junior Achievement (2008). Missão. [em linha] *Junior Achievement*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:3350002671397590:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:6802,7

Junior Achievement (2008). Escolas Empreendedoras. [em linha] *Junior Achievement*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:3350002671397590:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:9727,7

Junior Achievement (2008). Associados e Parceiros. [em linha] *Junior Achievement*. Acedido Fevereiro 15, 2014, em http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:3350002671397590:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:12130,7

Ministério da Educação (n.d.). Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. [em linha] *Por Sinal: versão beta*. Acedido Fevereiro 1, 2014, em <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=directorio&cat=18&iddir=44>

Oliveira, F. M. (2012). Empreendedorismo: teoria e prática. Especialize On Line IPOG. [em linha] Acedido Fevereiro 9, 2014, em file:///C:/Users/Mafalda/Downloads/191322dcff82e06081272bf77fb3beae.pdf

The Next Big Idea (n.d.). Aquelas pessoas ousadas que estimulavam o progresso económico, mediante novas e melhores formas de agir. [em linha] *The Next Big Idea*. Acedido Fevereiro 10, 2014, em <http://www.thenextbigidea.pt/blog/?p=11>

Anexos

**Entrevista Exploratória à coordenadora do Colégio Valsassina
do terceiro e quarto ano – janeiro de 2014**

1 – Qual a razão para haver este projeto de empreendedorismo na escola?

A razão para o arranque deste projeto de Empreendedorismo na escola reside na sugestão de uma antiga aluna do Colégio que trabalha com a empresa AIP, que é a promotora do projeto de que, por sinal, já tínhamos tido um conhecimento prévio. Pensámos que as características que o projeto apresenta constituíam uma mais-valia para os alunos e que, por isso, valeria a pensar ser implementado. Alguns pais também já tinham manifestado interesse em se oferecer aos alunos noções de âmbito financeiro e económicos.

2 – Como surge em concreto este projeto do empreendedorismo na turma do 3º ano de escolaridade no Valsassina.

Surgiu como projeto piloto. Supostamente era para se iniciar no 4º ano, mas devido a ser o primeiro ano de exames no 4º ano resolveu por se aplicar no 3ºano.

3 – Quais são as potencialidades que encontram na implementação do projeto?

Com este projeto as crianças podem desenvolver competências que são muito importantes, como a capacidade de propor sugestões, de pensar e de conceber um projeto. Desenvolve a capacidade de iniciativa e o trabalho de projeto, tornando as crianças mais autónomas e criativas.

Este projeto também os torna mais ativos e participantes na resolução dos seus próprios problemas.

4 – Encontram correspondência entre este projeto e as orientações curriculares do Primeiro Ciclo?

As Competências pretendidas no Empreendedorismos vão muito de encontro do Currículo Nacional de Competências Gerais do ensino básico. É certo que as orientações não falam propriamente deste projeto concreto, mas a capacidade de ensinar aos alunos a

gerirem dinheiro, a comunicarem o que têm de fazer e a realizarem o seu projeto têm muito em comum com as competências 7, 8 e 9 das orientações curriculares.

5 – Têm conhecimento de algum outro projeto noutras escolas semelhante com este?

Este projeto já tem 4/5 anos e sabemos que algumas escolas já o adotaram. Mas ao certo não sabemos em quais.

6 – Como é que as crianças reagem ao projeto?

As crianças entusiasma-se imenso, pois é uma oportunidade para eles serem criativos, autónomos e ativos. O facto de os pais também gostarem é também um ponto a favor pois também se envolvem.

As crianças mostram-se muito interessadas e motivadas com este projeto, pois é uma forma diferente de aprenderem, de fazerem trabalhos em grupo e também de conseguirem ser autónomos, independentes, para que consigam no futuro serem capazes de construir algo como uma empresa.

7 – Como funciona este projeto?

Este projeto está preparado para ter 30 sessões mas aqui no Colégio isso é impossível, pois também não temos muito tempo para dar ao Empreendedorismo. Adaptamo-o conforme as turmas que temos e os anos, onde existem várias etapas conforme está no site e no livro.

Depois de algumas sessões os alunos fazem umas fichas de avaliação para ver se estão consolidados os conceitos que era suposto serem aprendidos até àquela altura.

No final do ano, cada grupo, ou seja cada empresa, demonstra os seus projetos ao público e tenta vendê-los.

O importante neste projeto não é só o produto final, é também o processo até lá. O processo, o percurso que é feito até lá, deve ser rico e enriquecedor, para que os alunos adquiram conhecimento daquilo que estão a fazer e consigam aproveitar ao máximo deste projeto.

Há só uma crítica que tenho a fazer sobre este projeto, que é que está muito virado para a questão económica. É certo que é fundamental, mais ainda este tempo de crise mas

não deveria ser só por isso que se devia fazer isto. Esta é uma forma diferente de os alunos serem capazes de ter ideias, de criarem um negócio.

Sei que esta empresa agora vai-se expandir para um empreendedorismo social que é fazer-se algo dentro da própria comunidade. Isto é algo que beneficia a sociedade.

Entrevista a Helena Caiado e Margarida Brito

Associação Industrial Portuguesa – 13 de fevereiro de 2014

1 – Identificação da Coordenadora e da Empresa.

Helena Caiado e Margarida Brito fazem parte do Departamento de Empreendedorismo e Cooperação Empresarial da Associação Industrial Portuguesa. Helena Caiado a chefe do departamento e Margarida Brito é quem apresentou o projeto ao Colégio Valsassina e o acompanha.

A Associação Industrial Portuguesa já existe há 177 anos e é uma empresa sem fins lucrativos.

2 – Empreender, Empreendedor e Empreendedorismo têm um significado técnico/preciso. Qual é?

Ser Empreendedor, Empreender e Empreendedorismo, é conseguir identificar uma necessidade na sociedade e descobrir uma maneira de resolver esse problema. As técnicas de gestão necessárias para ser empreendedor coincidem com comportamentos e atitudes que permitem às pessoas terem iniciativa, serem criativas, sem medo de arriscar e falhar. Para criar um negócio, para ser Empreendedor, é preciso perceber como as coisas se ligam e, por isso, com este projeto nas escolas, damos “asas” à curiosidade da criança, à sua criatividade, tornando-as também críticas do seu próprio trabalho.

2.1. – Existe algum “guru”, um autor de referência para comprovar esta teoria?

Um autor muito conhecido é o Soumodip Sarkar. Mas um exemplo de Empreendedorismo que se pode dar é o de dois irmãos canadianos, chamados Marc e Craig Kielburger. Estes autores são uns verdadeiros empreendedores. Criaram uma organização chamada “Free the children” e com ela abriram várias escolas com a preocupação de dar as mesmas oportunidades educativas a todas as crianças. Quando eram mais jovens percorreram o Mundo com os seus pais, o que fez com que olhassem o sistema educativo com outros olhos e viram a necessidade que muitas crianças tinham.

3 – Desde quando o empreendedorismo é um conceito chave/relevante da empresa?

O Empreendedorismo sempre foi um conceito chave da Associação, porque acreditamos que todos nós, para crescermos, devemos ser «intra-empresendedores» no nosso trabalho, ou seja, temos de ser criativos e ter iniciativa.

Nos últimos anos o empreendedorismo está a ser muito valorizado na sociedade, o que por um lado é bom, ainda que por vezes possa ser um conceito algo banalizado.

4 – O que justifica que o empreendedorismo seja relevante para a AIP? É mais importante hoje do que nos outros tempos?

Sempre foi preciso o empreendedorismo na sociedade, pessoas empreendedoras que identifiquem um problema da sociedade, uma necessidade, e lancem uma empresa com a fórmula que a resolva.

O Empreendedorismo dá à comunidade o conjunto de valores que convoca as pessoas para resolverem problemas, serem criativas, terem iniciativa.

5 – Como é que a Associação promove o Empreendedorismo na sociedade em geral?

A Associação promove o Empreendedorismo através de diversos projetos e ações de formação. Assim contribui para a empregabilidade das pessoas, incentivando-as e orientando-as na criação de algo. Pode não dar logo início a um negócio, mas podem gerar neles uma ideia que a Associação os ajude a proteger com a expectativa de que no futuro essa ideia não seja usada por outros.

6 – Que outras instituições, da Europa e do Mundo, estão a ter uma preocupação equivalente à da AIP?

Não se sabe muito bem ao certo a sua dimensão, mas temos conhecimento de outra empresa, a Junior Achievement que tem um projeto, de expressão mundial, mas que se preocupa com outros pontos importantes, outros que a AIP não aborda. É um projeto semelhante mas com um olhar diferente.

Aliás, o projeto da AIP não segue qualquer modelo anterior, mas parte das suas próprias experiências no desenvolvimento das competências chave do empreendedorismo. Concluiu-se que o projeto deveria ser implementado com crianças mais pequenas e foi

assim que se construiu um programa que, através de histórias, resultasse mais apelativo, poderoso e rico entre os mais novos.

7 – Quando/como surgiu a preocupação de estender a promoção do Empreendedorismo na escola em geral?

A promoção do Empreendedorismo nas escolas surgiu quando se verificou que alguns alunos que saíam da escola secundária não tinham noção do era necessário para se criar um negócio. Não tinham sentido de Empreendedorismo. E a AIP decidiu a ajudá-los nisso, pois a escola é o melhor ambiente para adquirir estas competências.

8 – Desde quando (há quantos anos) e como existe um programa no 1º Ciclo?

O projeto de Empreendedorismo nas escolas do 1º Ciclo iniciou-se em 2011, com um workshop. Mas foi só no ano letivo de 2012/2013 que foi implementado numa escola. O projeto foi concebido e desenvolvido pela AIP juntamente com alguns professores convidados, pois não tínhamos muitas bases educacionais.

A AIP já está a implementar o projeto em Cabo Verde, Angola, Moçambique e Timor. Espera aplicá-las em mais países com língua portuguesa.

9 – Em Portugal é a única empresa que trabalha este conceito?

É a única empresa que trabalha este conceito mas existem outras, como a Junior Achievement e a Delta, que também já implementaram alguns projectos nas escolas e trabalham outras competências de outra forma.

10 – Quais os objetivos, principais méritos, vantagens que reconhece com a aplicação deste programa no 1º Ciclo?

O objetivo deste projeto é fazer «chegar» às crianças conceitos e processos que se deve percorrer para se criar uma empresa, para mais tarde, se quiserem, poderem utilizar essas competências adquiridas.

11 – Qual o propósito da expansão deste programa?

O nosso objetivo é elevar este projeto ao maior número de escolas e levar a outros países com língua portuguesa. O propósito deste projeto é dar às crianças a oportunidade

de terem liberdade de expressão. Não só nas aulas em que têm este projeto, mas também nas outras áreas curriculares. Dar ao maior número de crianças uma vantagem de comunicação, diálogo.

12 – Visto que o programa é aplicado pelo professor da turma, como preparam os professores que vão lecionar as sessões?

A AIP dá uma pequena formação aos professores, meio-dia de formação, para que eles sejam capazes de aplicar o projeto. Na formação explica-se o projeto para que as escolas e os professores sejam autónomos a lecionar as sessões.

13 – Têm algum relatório de avaliação da sua aplicação, de algumas escolas de anos anteriores?

Na plataforma do site, os professores têm uma palavra passe, em que entram e escrevem como correram as sessões e as suas dificuldades. Assim, com as suas sugestões e relatórios temos também a oportunidade de introduzir melhorias.

14 – Se fizéssemos uma análise swot do programa nas escolas, quais eram os pontos fortes e fracos, as oportunidades e ameaças?

O ponto forte do programa é potenciar nas crianças competências que as tornam pessoal, social e profissionalmente mais completas e melhores companheiras dos seus colegas. O ponto fraco é depender das capacidades e disponibilidade dos professores em cada escola, pois sabemos que têm um programa para cumprir.

A oportunidade é o alargado leque de escolas do 1º Ciclo em Portugal que se pode vir a interessar por desenvolver o projeto. Já estamos a trabalhar com 4000 a 5000 alunos em 9 regiões e ainda queremos mais.

As ameaças são principalmente duas: a questão financeira e haver um aumento da concorrência que possa banalizar o conceito.

15 – Qual a perceção que a empresa tem da receção do programa pelos professores?

Os professores inicialmente têm resistência mas gostam do projeto e aplicam-no facilmente. Temos conhecimento de alguns professores que trabalharam com este projeto numa escola e, quando mudam de escola, tentam introduzi-lo também nela.

16 – Qual a bibliografia de referência?

Orientações a nível do ministério, orientações da comissão europeia, vários exemplos que já foram aplicados, PNEE, Resolução 58/2012 – recomendado ao governo do empreendedorismo jovem.

Também pode pesquisar o empreendedorismo nas escolas ou educação para o empreendedorismo.

Uma das referências que utilizámos para fundamentar as oito competências chave foram os “Objetivos da Estratégia Europa 2020”.

**Síntese do s.n. (2012). Manual do Professor – Ateliers empreender criança. Lisboa:
Associação Industrial Portuguesa – Câmara de Comércio e Indústria.**

1. O presente manual é um manual de apoio aos professores, com a finalidade de ajudar nas sessões e no seguimento do projeto de Empreendedorismo.
2. O Manual do Professor está estruturado da seguinte forma: introdução, títulos dos capítulos e síntese dos capítulos.
3. A empresa que está por detrás deste projeto, a AIP, pretende que com este programa sejam criados
 - i. - “(...) ambientes em que os alunos possam exercitar a sua capacidade de imaginar as mudanças, por forma a desenvolver desde muito cedo a sua capacidade de iniciativa, criatividade, autoconfiança, liderança, trabalho em equipa, responsabilidade e sentido cívico em tudo o que irão empreender, seja na vida académica e profissional como nos aspetos pessoais e sociais da vida quotidiana.” (AIP – Manual do Professor, p.5)
4. O Manual que é facultado aos Professores titulares como um auxílio, está organizado da seguinte forma: por módulos e sessões.
5. O texto do Manual está estruturado em quatro módulos, precedidos de um Pretexto que é constituído por uma «Contextualização do Empreendedorismo» (que justifica a aposta da empresa AIP na sua acção em escolas), a apresentação dos «Objetivos gerais e específicos» do projeto, o «Índice» e uma «Introdução» que apresenta o conceito «ser Empreendedor» e explica o modo como o livro está organizado.
6. Os quatro módulos, em que o texto do Manual está estruturado seguem um formato uniforme:
 - Cada módulo indica quais são as sessões que os professores devem realizar e a duração aproximada prevista.
 - Para cada sessão são explicitados os objetivos pretendidos, as etapas a percorrer e os materiais necessários para a organização da aula. Ainda dentro de cada sessão, existem caixas de texto amarelas e vermelhas, que servem como auxílio ao

professor para a resolução de problemas que possam existir e sugestões para se dinamizar a aula.

- No final de cada módulo, existem ainda páginas verdes, em que estão contidos os conceitos mais importantes a ter em conta na apresentação das temáticas.

Diário – Aulas Empreendedorismo

Diário

1

Data: 11 de novembro de 2013

Hora: 13:30h às 14:15h

No dia 11 de novembro, iniciaram-se as aulas do Empreendedorismo.

A turma teve uma visita de uma técnica que fazia parte da empresa que gere este projeto, a AIP, que lhes mostrou um filme intitulado “Cinco Dedos Doces”. Este filme fala sobre como se começa a criar uma empresa, enunciando as diversas etapas desde o início. A turma foi encorajada a ver essas etapas como as fases que a turma deverá passar para realizar o desafio de construir a sua empresa.

Os alunos estavam sentados em cadeiras distribuídos pelo auditório do colégio, juntamente com as outras duas turmas do 3º ano. Mostraram-se interessados ao verem o filme, com alguma agitação pois estavam entusiasmados com o que estavam a ver e já a falarem das possibilidades que tinham de poderem vir a formar as suas empresas.

Depois do visionamento do filme a senhora falou um pouco sobre ele, questionando-os e tendo tirado algumas dúvidas, no qual a turma se mostrou participativa. Os alunos que participaram mais são os habituais da turma mas alguns das outras duas turmas também se mostraram interessados em participar no diálogo.

Durante todo o período da sessão, os alunos comportaram-se de forma ordeira, tendo às vezes a Professora titular chamado a atenção de alguns.

Diário – Aulas Empreendedorismo

Diário

2

Data: 15 de novembro de 2013

Hora: 15:15h às 16:00h

No dia 15 de novembro, foi a segunda sessão de Empreendedorismo.

Nesta sessão, o objetivo era cada aluno escrever num papel, uma possibilidade de empresa, para no final perante todas as ideias, ver quais as que se podiam realizar ou não, para depois se escolherem os temas.

No início da sessão, a Professora titular lembrou os alunos do que tinha sido falado com a senhora da AIP, sobre as etapas que eram necessárias percorrer e o objetivo de se criar uma empresa. Foi-lhes distribuído um papel para eles pensarem numa possível empresa e escreverem-na. No final, quando todos escreveram a sua ideia, os papéis foram recolhidos e a Professora titular leu as ideias em voz alta. Dos 27 papéis, tiveram de ser seleccionados cinco temas, ou seja, cinco possíveis empresas. Os alunos viram quais eram as que gostavam mais, e a partir daí, começaram a formar os grupos mas não se conseguiu concluir pois tocou para a saída. A formação dos grupos ficou para a próxima sessão.

A escolha dos cinco temas não ficou concluída nesta sessão, pois haviam possibilidades que ficaram em suspenso, não se sabia se dava para seguirem como empresa ou não.

Diário – Aulas Empreendedorismo

Diário

3

Data: 22 de novembro de 2013

Hora: 15:15h às 16:00h

No dia 22 de novembro, foi a continuação da aula anterior.

Nesta sessão, o objetivo era formarem-se os grupos. Ia-se ver quem é que queria fazer parte de qual empresa e se as outras que estavam suspensas eram para seguir ou não.

Mas antes foi necessário decidir a lista definitiva dos “temas” de que os grupos iriam criar as empresas, pois na aula anterior já tinham ficado aprovados alguns temas, propostos por alguns alunos, mas havia outros temas que estavam suspensos e que precisariam de ser substituídos por serem de difícil concretização.

Depois de decididos os temas, também não foi pacífica a constituição dos grupos, pois muitos queriam ir para uma mesma empresa quando o limite previsto era de 5 a 6 elementos por grupo.

No final desta sessão, algumas empresas já tinham elementos, mas houve outras que ainda estavam por definir.

As empresas que já ficaram definidas foram: os bolos, os chás e as gomas.

Diário – Aulas Empreendedorismo

Diário

4

Data: 29 de novembro de 2013

Hora: 15:15h às 16:00h

No dia 29 de Novembro, a aula de Empreendedorismo da turma do 3º ano C, com a Professora Cooperante começou com a distribuição definitiva dos grupos de acordo com os temas que já tinham sido escolhidos, com a condição de serem constituídos por um máximo de 6 elementos e um mínimo de 5. Deu-se preferência aos temas preferidos por cada aluno e, quando o número era superior ao limite de 6, a professora tentou mediar as escolhas de outros temas.

A própria definição dos temas suscitou algum debate. Por exemplo, houve um dos grupos que queria fazer roupas para bonecas, mas acabaram por mudar de tema quando a professora explicou que teriam que ser eles a fazer as roupas (não os avós ou os pais!) como eles estavam a dizer porque, o projeto era para ser feito na sala de aula. Um projeto de outro grupo que ficou por decidir para uma próxima aula era sobre trocas de livros e cd's, em que a professora, julgando que poderia ser de muito difícil realização, solicitou aos alunos que pensassem bem no assunto enquanto ela iria também auscultar a opinião da coordenadora.

Com estas complicações e organizações dos grupos, a aula terminou.

Diário – Aulas Empreendedorismo

Diário

5

Data: 6 de dezembro de 2013

Hora: 15:15h às 16:00h

A Professora cooperante deu luz verde para avançar, aos grupos que na aula anterior tinham ficado ainda com o tema incerto e apresentou o seu propósito para este dia: que os grupos de trabalho se juntassem e começassem a ver qual era o nome que queriam dar às suas empresas, quais os materiais que iriam precisar, como iriam fazer, etc.

Todos os grupos começaram a trabalhar de forma autónoma. Houve alguns grupos que não estavam a concordar em certos pontos como nos nomes das empresas e iam ter com a professora, numa forma de “queixinhas”, ao qual a professora lhes disse que tinham de resolver as coisas sozinhos pois iam trabalhar todos juntos.

Houve um dos grupos, o dos “Bolos”, em que um dos elementos do grupo, desde o início do ano letivo, que tinha escolhido já o nome da sua empresa e feito t-shirts. Esta ideia da empresa dos “Bolos” foi dele e sem a ideia ter sido aprovada, iniciou logo o processo da construção da empresa. Este desenvolvimento e envolvimento dos alunos, mostra que estão muito entusiasmados com este projeto, pois é uma novidade.

Diário – Aulas Empreendedorismo

Diário

6

Data: 10 de janeiro de 2014

Hora: 15:15h às 16:00h

No dia 10 de janeiro, realizou-se a primeira aula do segundo período.

Nesta sessão de Empreendedorismo, a turma reviu o filme “Cinco Dedos Doces”. Foi uma forma de lhes avivar a memória antes de responderem a um questionário sobre o que é preciso para se criar uma empresa.

Depois do visionamento do filme, a professora cooperante começou por fazer algumas perguntas, por exemplo o porquê de a Susana (personagem do filme) ter começado a pensar em fazer aquela empresa, com que necessidade. Esta primeira fase é muito importante para se criar uma empresa, é o primeiro passo. Ver qual a necessidade de se criar a empresa que queremos.

De seguida, a professora tinha alguns cartões com questões sobre o filme, às quais as crianças responderam.

Nesta sessão a turma estava sossegada, estando atentos ao filme e às questões.

Em baixo, estão algumas respostas que os alunos deram, pelas fases em que se deve ser empreendedor e se deve começar a construir uma empresa.

1º Passo:

- é importante identificar uma necessidade
- é necessário ser-se criativo e inovador

2º Passo:

- inventar um produto tendo as coisas necessárias
- ter uma ideia de negócio
- é importante ter ideias porque:
 - Se não ninguém tinha nada
 - Se não tivéssemos ideias não podíamos ter muitas lojas

3º Passo:

- formação e apoio de pessoas experientes
- podemos não saber a empresa que vamos fazer e precisamos de ajuda
- todos os professores têm de saber coisas e as formações servem para se saber mais
- precisamos de apoios experientes porque conseguem-nos ajudar e elas ensinam-nos

4º Passo:

- desenvolver a ideia de negócio e traçar o plano de negócio

5º Passo:

- criação da empresa → proteção da ideia
- temos de proteger a ideia porque podem roubá-la

Aulas Empreendedorismo

Diário

7

Data: 17 janeiro 2014

Hora: 15:15h às 16:00h

Nesta sessão de Empreendedorismo, a turma continuou a sessão da semana anterior. Continuou-se a responder às questões relacionadas com o filme “Cinco Dedos Doces”, para que a turma conseguisse perceber o processo que existe para criar uma empresa.

A professora cooperante ia lendo os excertos relacionados com as etapas que surgiam, para também recordar a turma do filme e eles conseguirem responder às questões colocadas.

A turma estava concentrada e interessada nas etapas para se criar uma empresa, pois são as etapas que os grupos vão ter de seguir.

Em baixo, estão algumas respostas que alguns alunos deram consoante o que foi perguntado, ou então enunciando só a etapa.

6º Passo:

- ter financiamento
- ter dinheiro

7º Passo:

- definir o mercado alvo
- saber para quem queremos criar a empresa, para que pessoas

8º Passo:

- avaliar o que os futuros clientes gostam

9º Passo:

- ter instalações e equipamento adequado
- temos de o ter porque se não podemos falhar no produto

10º Passo:

- ter as matérias primas necessárias à confeção do produto

11º Passo:

- conseguir uma boa equipa
- ter em atenção também a qualidade do produto

12º Passo:

- fazer acções de divulgação dos seus produtos (marketing)
- quanto maior a divulgação mais hipóteses temos do sucesso

13º Passo:

- vendas

14º Passo:

- saber o quanto a empresa ganhou e gastou (área financeira)
- vendo isso pode-se saber se a empresa está a evoluir
- é através desta forma que se percebe que a empresa está a ter sucesso

15º Passo:

- ter lucro ou conseguir resultados positivos

Aulas Empreendedorismo

Diário

8

Data: 20 janeiro 2014

Hora: 12:45h às 13:25h

Nesta sessão de Empreendedorismo, iniciou-se o jogo de tabuleiro na biblioteca do Colégio.

Eu e a coordenadora do terceiro e quarto anos, chamámos seis alunos da turma do 3º C para irem jogar. Estes alunos já tinham conhecimento que iam fazer o jogo, pois antes do intervalo do almoço falei com eles.

Inicialmente, começou por se explicar o jogo aos 6 alunos, para que todos conseguissem compreendê-lo e tirarem as dúvidas.

Depois da explicação, dividiu-se o grupo em dois subgrupos de três alunos: um subgrupo ficava numa mesa a jogar com a supervisão da coordenadora, enquanto o outro subgrupo ficava comigo noutra mesa.

Durante o jogo, mas sobretudo no início, fui passando pelos seus lugares e indicando como se procederia, garantindo que estavam a perceber bem a dinâmica, se iam trocando as cartas ou não consoante o seu jogo. Depois, ao longo do jogo, fui deixando o grupo mais à vontade, não interferindo tanto, mas estando sempre atenta e disponível para resolver as eventuais dificuldades de cada um.

Quando estava quase a tocar a campainha da escola para a entrada nas aulas, teve de se dar por encerrado o jogo. Como ainda ninguém tinha chegado à casa “Sucesso” nem tinha completado o negócio, ou seja, ter as cartas todas iguais em todas as etapas, contaram-se os pontos das cartas de cada um, para ver quem tinha ganho.

Aulas Empreendedorismo

Diário

9

Data: 22 janeiro 2014

Hora: 12:45h às 13:30h

Neste dia, a sessão de Empreendedorismo foi a continuação do jogo de tabuleiro. Fui chamar três alunos da turma do 3º C ao recreio da hora do almoço. Visto que a coordenadora neste dia não poderia comparecer no jogo, só chamei três alunos.

A escolha dos alunos foi aleatória, mas com a condição de serem dos alunos que não tinham jogado ainda.

Deslocámo-nos para a biblioteca e fez-se o mesmo processo do dia anterior, explicando como funcionava o jogo antes de se iniciar. Já havia alunos que sabiam de que se tratava o jogo, que era sobre o Empreendedorismo, embora não soubessem ainda como se jogava, mas só por isso já estavam motivados.

Depois da explicação, iniciou-se o jogo. Este grupo estava muito entusiasmado, principalmente a IP. Penso que deve ter sido por ser a única rapariga do grupo naquela sessão de jogo. Durante o jogo fui verificando que este grupo de alunos tinha compreendido muito bem as regras, pois conseguiram elaborar o seu negócio. Apenas não conseguiram chegar à casa “Sucesso”, pois já tinha terminado o tempo do jogo e estava quase a dar o toque de entrada nas aulas. Contou-se os pontos de cada um para ver quem tinha ganho.

Aulas Empreendedorismo

Diário

10

Data: 24 janeiro 2014

Hora: 12:45h às 13:30h

Neste dia, a sessão de Empreendedorismo foi a continuação do jogo de tabuleiro. No recreio da hora de almoço, fui chamar três alunos do 3º C, visto que a coordenadora não poderia comparecer na sessão. Fomos para a biblioteca onde comecei por explicar o jogo ao grupo. Depois da explicação e de se tirarem as dúvidas que existiam, iniciou-se o jogo. Durante o jogo verifiquei, que os alunos conseguiram compreender muito bem o jogo. Houve um dos jogadores que conseguiu finalizar o jogo, tendo chegado à casa “Sucesso”, ou seja, tendo o negócio feito. Como os outros jogadores queriam continuar a jogar, o jogo prosseguiu até à hora do toque de entrada. Como mais nenhum conseguiu chegar à casa de chegada com o seu negócio montado, contaram-se os pontos de cada um, vendo quem tinha ficado em segundo lugar. Durante o jogo, o aluno que tinha ganho, ficou a observar os colegas, ajudando-os se fosse necessário.

Aulas Empreendedorismo

Diário

11

Data: 27 de janeiro de 2014

Hora: 12:45h às 13:25h

Nesta sessão de Empreendedorismo, foram chamados, aleatoriamente, seis alunos para fazerem o jogo de tabuleiro, pois a coordenadora tinha-me informado de que iria estar presente. Assim, ficaria um grupo de três elementos para cada uma de nós.

Como a coordenadora ainda não tinha chegado, comecei por explicar ao grupo todo como se iria proceder o jogo, deixando o esclarecimento para o final (esta estratégia foi para contornar a situação que conheço por ser recorrente de alguns que interrompem com muitas dúvidas durante as aulas quando ainda não se terminou a explicação).

Quando já estava a terminar de explicar o jogo e de tirar as dúvidas, a coordenadora chegou e três elementos que estavam comigo foram para junto da coordenadora que iria organizar o jogo noutra mesa.

Durante o jogo, verifiquei no meu grupo que um dos alunos não tinha compreendido muito bem o jogo. Não percebeu que só se ia para a casa final quando se tinha o negócio feito, ou seja, quando se tinham as cartas de todas as etapas com o mesmo negócio. Depois de se explicar melhor, conseguiu entender e continuou o jogo.

Quando chegou a hora de acabar o jogo, visto que ninguém tinha chegado à casa final, contaram-se os pontos e verificou-se quem estava mais próximo de concluir um negócio.

Aulas Empreendedorismo

Diário

12

Data: 31 de janeiro de 2014

Hora: 12:50h às 13:30h

Neste dia, na sessão de Empreendedorismo, continuou a fazer-se o jogo de tabuleiro. Como a coordenadora não podia estar presente, o jogo foi feito somente com três alunos do 3º C escolhidos aleatoriamente, mas tendo em conta os alunos que já tinham ido fazer o jogo em dias anteriores.

O jogo procedeu-se inicialmente com a explicação e o esclarecimento das dúvidas dos alunos, para que conseguissem compreendê-lo bem antes de se iniciar. Não houve muitas dúvidas por parte dos alunos, pois eles estavam muito entusiasmados e com vontade de jogar. Até houve um aluno que comentou com os outros que iriam perceber melhor o jogo praticando-o mesmo.

No início do jogo, estive atenta aos alunos, indo junto deles, para perceber se realmente tinham compreendido o jogo e se estavam a conseguir “fazer o seu negócio”. À medida que fui verificando que estavam a compreender o jogo, fui deixando-os mais à vontade, como se não estivesse presente. Só algumas vezes é que tive de chamar a atenção para algum pormenor.

Durante o jogo, verifiquei que havia um dos alunos que estava sempre com muita pressa para jogar, não deixando o jogador anterior terminar a sua vez. Fui chamando-o a atenção para que tivesse mais calma e esperasse que os outros jogadores acabassem de jogar. Mas ele continuava com tanta ansiedade de jogar, talvez por estar muito entusiasmado com o jogo, que não se controlava. Quando outro jogador fez o mesmo que ele e começou a jogar sem que ele tivesse terminado a sua jogada, ele chamou-o a atenção como lhe tinha sido feito antes a ele. Assim, verificou-se que ele sabia o que é que não podia mas continuava a fazer, porque quando deparou que outro jogador fazia o mesmo que eles, não gostou e chamou o colega a atenção, pois sabia que esse modo de agir não era correto.

O grupo de alunos mostrou-se muito entusiasmado.

Como já estava quase na hora do toque de entrada para as aulas e nenhum aluno tinha ainda conseguido criar o seu negócio, contaram-se os pontos de cada um para ver quem tinha ganho.

Aulas Empreendedorismo

Diário

13

Data: 31 de janeiro de 2014

Hora: 15:30 às 16:00h

Nesta sessão de Empreendedorismo, os alunos estiveram a visionar quatro filmes de empresas que foram criadas a partir de uma ideia e de uma necessidade que foi encontrada. Ou seja, um storytelling de empreendedores. Os filmes que foram visionados foram sobre as empresas: Nébula, Science4you, Just4teens e Nicolau e Rosa. Estas empresas são todas conhecidas pelos alunos, pois são direcionadas para as suas idades.

Nestes filmes, havia um criador da empresa a falar sobre ela, como tinha sido criada, a partir de que necessidade é que eles construíram essa empresa, o que um empreendedor deve ser e como se deve criar uma empresa.

Durante o visionamento dos filmes os alunos mostraram-se interessados, estando atentos e quietos.

Aulas Empreendedorismo

Diário

14

Data: 7 de fevereiro de 2014

Hora: 15:15h às 16:00h

No dia 7 de fevereiro, a sessão de Empreendedorismo debruçou-se sobre os grupos já formados e a necessidade pela qual os alunos criaram as suas empresas.

A Professora cooperante começou por percorrer os grupos, perguntando-lhes logo se já tinham nome para as suas empresas. Quase todos tinham nome, menos um grupo. Foram então para um canto da sala para se reunirem e chegarem a uma solução de consenso quanto ao nome. Este foi o grupo que só tinha tido luz verde para avançar com o seu projeto na última aula em que trabalharam em grupos.

De seguida, foi-lhes perguntado qual era a necessidade tinham encontrado para criarem essa empresa. Durante estas perguntas sobre a necessidade, houve grupos que não estavam a conseguir encontrar nenhuma, pois não estavam a perceber que tipo de necessidade. Que a necessidade era a do público-alvo e não a deles. A Professora explicou-lhes mais do que uma vez dando exemplos e também perguntando aos outros grupos se sabiam qual era a necessidade para o seu negócio. Assim, os grupos que não estavam a perceber tinham exemplos dos outros alunos para ver se conseguiam chegar à sua necessidade e esclarecer as dúvidas ainda existentes.

Como no final do trabalho programado ainda havia tempo disponível, começou-se a falar sobre as estratégias de marketing que cada empresa ia fazer, ou seja, quais as estratégias que os grupos iam usar para o público-alvo comprar os seus produtos em vez de outros semelhantes ao deles. Alguns chegaram à conclusão de que, como o público-alvo eram as crianças, podiam colocar peças de puzzle nas embalagens; outros sugeriram pôr letras debaixo de autocolantes e outros propuseram fazer sabonetes de diversas formas.

**Entrevista semiestruturada a professores e encarregados de educação do Colégio
Valsassina – 26 de março de 2014**

Professor 1

- 1. Pergunta introdutória: Em que medida entende que o projeto *Ateliers empreender criança* contribuiu para desenvolver as seguintes atitudes, competências e saberes?**

		Não observei	Pouco	Suficiente	Bastante
Atitudes	Criatividade e iniciativa				X
	Fortaleza: autoconfiança e resistência à mudança				X
	Maturidade: autonomia e responsabilidade				X
Competências	Ser capaz de decidir e planear estratégias para a resolução de problemas				X
	Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo				X
	Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio				X
Saberes	Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc				X
	Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio				X

- 2. Há algum outro contributo importante deste projeto que queira salientar?**

Outro contributo importante deste projeto, é que ajuda os alunos a desenvolver o raciocínio matemático, fazer com que eles percebam as necessidades e consigam identificar a quem recorrer.

3. Quais dos contributos mencionados justificam a implementação do projeto? Isto é, quais as aprendizagens que, *sem o projeto*, não seriam suficientemente adquiridas na escola?

Os contributos que justificam este projeto são: ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio; conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc; e fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio.

4. Quais são os principais constrangimentos registados na implementação do projeto? Quais as melhorias que no seu entender deveriam ser introduzidas?

Os principais constrangimentos deste projeto é a falta de tempo e sente-se a necessidade de agrupar sessões devido à extensão do projeto, ou seja, condensar as sessões.

Em relação às melhorias, penso que seja importante condensar as sessões de forma a conseguir cumpri-los.

**Entrevista semiestruturada a professores e encarregados de educação do Colégio
Valsassina – 26 de março de 2014**

Professor 2

1. Pergunta introdutória: Em que medida entende que o projeto *Ateliers empreender criança* contribuiu para desenvolver as seguintes atitudes, competências e saberes?

		Não observei	Pouco	Suficiente	Bastante
Atitudes	Criatividade e iniciativa				X
	Fortaleza: autoconfiança e resistência à mudança				X
	Maturidade: autonomia e responsabilidade				X
Competências	Ser capaz de decidir e planear estratégias para a resolução de problemas				X
	Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo				X
	Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio				X
Saberes	Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc			X	
	Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio			X	

2. Há algum outro contributo importante deste projeto que queira salientar?

Penso que não.

3. Quais dos contributos mencionados justificam a implementação do projeto? Isto é, quais as aprendizagens que, *sem o projeto*, não seriam suficientemente adquiridas na escola?

Os contributos que justificam este projeto são: criatividade e iniciativa; ser capaz de decidir e planear estratégias para a resolução de problemas; e ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo.

4. Quais são os principais constrangimentos registados na implementação do projeto? Quais as melhorias que no seu entender deveriam ser introduzidas?

Os principais constrangimentos deste projeto é a falta de tempo e a falta de formação dos docentes do 1º ciclo.

Em relação às melhorias, penso que seja importante condensar as sessões.

**Entrevista semiestruturada a professores e encarregados de educação do Colégio
Valsassina – 26 de março de 2014**

Professor 3

1. Pergunta introdutória: Em que medida entende que o projeto *Ateliers empreender criança* contribuiu para desenvolver as seguintes atitudes, competências e saberes?

		Não observei	Pouco	Suficiente	Bastante
Atitudes	Criatividade e iniciativa			X	
	Fortaleza: autoconfiança e resistência à mudança			X	
	Maturidade: autonomia e responsabilidade			X	
Competências	Ser capaz de decidir e planear estratégias para a resolução de problemas			X	
	Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo			X	
	Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio			X	
Saberes	Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc			X	
	Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio			X	

2. Há algum outro contributo importante deste projeto que queira salientar?

Um contributo importante deste projeto é que ajuda as crianças a perceberem melhor o funcionamento das empresas/ negócios, mais propriamente dos pais, familiares e amigos. Por exemplo, existe uma criança que a mãe está a criar uma empresa e ela, com este projeto, consegue perceber melhor o trabalho que a mãe está a fazer.

3. Quais dos contributos mencionados justificam a implementação do projeto? Isto é, quais as aprendizagens que, *sem o projeto*, não seriam suficientemente adquiridas na escola?

Os contributos que justificam este projeto são: ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo; conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc; e fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio.

4. Quais são os principais constrangimentos registados na implementação do projeto? Quais as melhorias que no seu entender deveriam ser introduzidas?

Os principais constrangimentos deste projeto é a falta de tempo e penso que seja uma dificuldade trabalhar em grupo com estas idades. As crianças ainda não têm maturidade suficiente para conseguirem compreender alguns conceitos e construir um negócio.

Em relação às melhorias, penso que seja importante condensar as sessões para se ganhar mais tempo, visto que só se tem 45 minutos por semana de aulas de Empreendedorismo.

**Entrevista semiestruturada a professores e encarregados de educação do Colégio
Valsassina – 28 de março de 2014**

Encarregado de Educação 1

1. Pergunta introdutória: Em que medida entende que o projeto *Ateliers empreender criança* contribuiu para desenvolver as seguintes atitudes, competências e saberes?

		Não observei	Pouco	Suficiente	Bastante
Atitudes	Criatividade e iniciativa				X
	Fortaleza: autoconfiança e resistência à mudança			X	
	Maturidade: autonomia e responsabilidade				X
Competências	Ser capaz de decidir e planear estratégias para a resolução de problemas			X	
	Ser capaz de criar e integrar uma equipa de trabalho cooperativo				X
	Ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio			X	
Saberes	Conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc			X	
	Fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio			X	

2. Há algum outro contributo importante deste projeto que queira salientar?

Um outro contributo importante deste projeto é que ajuda os alunos na partilha de saberes e na cooperação.

3. Quais dos contributos mencionados justificam a implementação do projeto? Isto é, quais as aprendizagens que, *sem o projeto*, não seriam suficientemente adquiridas na escola?

Os contributos que justificam este projeto são: ser capaz de desenvolver adequadamente uma ideia de negócio; conceitos de empreendedorismo, marketing, custo, resultado, etc; e fases e fatores inerentes à criação e implementação de uma ideia de negócio.

4. Quais são os principais constrangimentos registados na implementação do projeto? Quais as melhorias que no seu entender deveriam ser introduzidas?

Os principais constrangimentos deste projeto é o facto de os alunos, por vezes, não saberem a quem pedir ajuda. Por exemplo, a minha filha no outro dia não sabia a quem ia pedir ajuda numa questão sobre o projeto.

Em relação às melhorias, penso que seja importante explicar-se melhor os conceitos deste projeto aos alunos. A minha filha já me pediu ajuda com um conceito que não sabia o que significava e as amigas também não. Então, tive a explicar-lhes o conceito para ver se elas conseguiam avançar no trabalho que tinham de fazer.

